



ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Encontro da Academia Brasileira de Letras com as Academias da América Latina

A missão das Academias no mundo de hoje

Seminário virtual realizado nos dias 7 e 8 de outubro de 2020





ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

I Encontro da Academia Brasileira de Letras com as Academias da América Latina

A missão das Academias no mundo de hoje

Seminário virtual realizado nos dias 7 e 8 de outubro de 2020





ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

DIRETORIA DE 2020

Presidente: *Marco Lucchesi*

Secretário-Geral: *Merval Pereira*

Primeiro-Secretário: *Antônio Torres*

Segundo-Secretário: *Edmar Lisboa Bacha*

Tesoureiro: *José Murilo de Carvalho*

COMISSÃO DE PUBLICAÇÕES

Domício Proença Filho

Antonio Carlos Secchin

Evaldo Cabral de Mello

Produção Editorial: Monique Mendes

Revisão: Perla Serafim

Supervisão de Tradução: Professora Silvia Inês Cárcamo

Projeto Gráfico e Editoração: Estúdio Castellani

Av. Presidente Wilson, 203 – 4.º andar

Rio de Janeiro – RJ – CEP 20030-021

Telefones: (55 021) 3974-2500

E-mail: publicacoes@academia.org.br

www.academia.org.br

Biblioteca da Academia Brasileira de Letras

- E46 Encontro da Academia Brasileira de Letras com as Academias da América Latina. (1. 2020. Rio de Janeiro, RJ) A missão das Academias no mundo de hoje [texto]. – Rio de Janeiro (RJ): Academia Brasileira de Letras, 2020. E-book (138 p.) : il. color.

ISBN 978-65-89576-00-6

1. Seminário. 2. Cultura latino-americana. 3. Academia de Letras.
4. América Latina. I. Título. II. Academia Brasileira de Letras. Editor.

CDD: 306.68

Bibliotecário responsável: Renato Ramos Vieira – CRB 7/5859

Primero Congresso organizado pela Academia Brasileira de Letras em conjunto com as Academias da América Latina.

Diante das dificuldades da pandemia não puderam participar: Bolívia, Costa Rica, Haiti e Honduras igualmente importantes e pertencentes ao bloco dos 20 países que compõem a região.

“A missão das Academias no mundo de hoje” ocorreu nos dias 7 e 8 de outubro de 2020.

Houve uma forte convergência: a cultura da paz, a estética do encontro e da pluralidade nas Américas, de que dão testemunho estas páginas.

Sumário

BRASIL

Marco Lucchesi 1

Presidente da Academia Brasileira de Letras

ARGENTINA

Alicia María Zorrilla 9

Presidenta da Academia Argentina de Letras

CHILE

Adriana Valdés Budge 17

Diretora da Academia Chilena de la Lengua

COLÔMBIA

Juan Carlos Vergara Silva 23

Diretor da Academia Colombiana de la Lengua

CUBA

Rogelio Rodríguez Coronel 31

Diretor da Academia Cubana de la Lengua

EL SALVADOR

Eduardo Buenaventura Badía Serra 37

Diretor da Academia Salvadoreña de la Lengua

EQUADOR

Susana Cordero de Espinosa 43

Diretora da Academia Ecuatoriana de la Lengua

GUATEMALA

María Raquel Montenegro Muñoz 53

Diretora da Academia Guatemalteca de la Lengua

MÉXICO

Adolfo Castañon 61

Secretário da Academia Mexicana de la Lengua

NICARÁGUA

Francisco Arellano Oviedo 67

Diretor da Academia Nicaragüense de la Lengua

PANAMÁ

Margarita Vásquez Quirós 75

Diretora Substituta da Academia Panameña de la Lengua

PARAGUAI

José Antonio Moreno Rufinelli 81

Presidente da Academia Paraguaya de la Lengua Española

PERU

Marco Martos Carrera 85

Presidente da Academia Peruana de la Lengua

REPÚBLICA DOMINICANA

Bruno Rosario Candelier 93

Diretor da Academia Dominicana de la Lengua

URUGUAI

Wilfredo Penco 101

Presidente da Academia Nacional de Letras do Uruguai

VENEZUELA

Horacio Biord Castillo 111

Presidente da la Academia Venezolana de la Lengua



BRASIL

Marco Lucchesi

Presidente da Academia Brasileira de Letras

I ENCONTRO DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS COM AS ACADEMIAS DA AMÉRICA LATINA.

Seminário virtual realizado nos dias 7 e 8 de outubro de 2020 intitulado “*A missão das Academias no mundo de hoje*”. O evento foi composto por diversas mesas-redondas com a maioria dos países latinos, em que foram debatidos o papel das Academias no mundo contemporâneo, seus idiomas originais e seu legado cultural.

Marco Lucchesi

Presidente da Academia Brasileira de Letras

Graduou-se em História pela UFF, formou-se Mestre e Doutor em Ciência da Literatura pela UFRJ e Pós-Doutor em Filosofia da Renascença pela Universidade de Colônia, na Alemanha. É professor de Literatura Comparada na UFRJ desde 1989, pesquisador do CNPq e professor visitante em diversas instituições internacionais. Seus livros foram traduzidos para o árabe, romeno, italiano, inglês, francês, alemão, espanhol, persa, russo, turco, polonês, hindi, sueco, húngaro, urdu, bengala e latim. Deu palestras pelo Brasil e em diversas universidades no mundo: Sorbonne-Paris III, Orientale di Napoli, Universidade de Salamanca, La Sapienza (Roma), Universidade Jagelônica de Cracóvia, Universidade de Colônia, PUC de Santiago, Universidade da Malásia, Universidade Nova de Lisboa, Universidade de Buenos Aires, Universidade de Los Andes (Mérida, Venezuela), Tuffs (Tóquio), Universidade Islâmica de Delhi, além de um sem-número de seminários, feiras de livro e encontros literários em diversos países. Foi editor das revistas *Poesia Sempre*, *Tempo Brasileiro* (2007 a 2015 – vol. 171 a 203) e *Mosaico Italiano* (2005 a 2008 – ed. 21 a 52). Foi diretor da Fase VIII da *Revista Brasileira* da ABL (2012-2017). Traduziu diversos autores, dentre os quais, dois romances de Umberto Eco, a *Ciência Nova*, de Vico, os poemas do romance *Doutor Jivago*, obras de Guillevic, Primo Levi, Rumi, Hölderlin, Khliébnikov, Trakl, Juan de la Cruz, Francisco Quevedo, Angelus Silesius e Ion Barbu. Defensor dos Direitos Humanos, participa do Mhud, membro do grupo de trabalho do Conselho Nacional de Justiça para a leitura prisional. Tem trabalhado também com indígenas e quilombolas. Obteve por três vezes o Prêmio Jabuti, o Prêmio Pantera d'oro de Lucca, Embaixador da Poesia de Iași, o Prêmio *Faz Diferença* do jornal *O Globo*. Recebeu os títulos de Doutor *Honoris Causa* nas Universidades de Tibiscus e Aurel Vlaicu, ambas na Romênia.

Sonhos da origem

Diante da espessa distopia que define a época atual, eis-nos aqui reunidos para celebrar os valores fundamentais da cultura. Nosso encontro faz história. Abrimos nossas casas ao diálogo com a América Latina. Quem sabe a consciência de um destino comum não institua um fórum permanente? A defesa da cultura e da diversidade desconhece fronteiras: une o Atlântico ao Pacífico, floresta, cordilheiras, ilhas e arquipélagos. Somos embaixadores da diferença. O azul de Rubén Darío e os arautos de Vallejo. A cosmologia de Cardenal e o paraíso de Lezama. Os signos de Octavio Paz e a língua de Huidobro. Ventos de Benedetti, amores de Roque Dalton. Nosso continente repousa na trama de Bioy Casares, no sertão de Guimarães Rosa.

Celebramos o patrimônio comum: a riqueza dos povos originários e as tantas línguas, de que não podemos abrir mão: camadas profundas que infundem outra espessura a nossas vozes: no coração do Logos, o fundamento da linguagem, o *ayvú rapyta*.

Defendemos a alteridade, os direitos linguísticos, as terras indígenas e quilombolas no Brasil. Para dizer não ao mesmo,

Discurso lido em espanhol na abertura do *I Encontro da Academia Brasileira de Letras com as Academias da América Latina*.

e porque preservam os recursos naturais, inspiram a economia circular e designam o bem comum.

Seria penoso imaginar a Terra como um grafite solitário na Via Láctea, deserta de humanidade. Perderia o melhor de si, a cintilação da noosfera, auge da escala evolutiva: a esfera do pensamento, como assevera Teilhard de Chardin. Não podemos perder a dimensão comunitária.

A agenda intercultural da América Latina, na era do pós-regionalismo, procura o descentramento. Uma proposta multilíngue que se incline à cultura do encontro. Como quem procura recolher as pedras de Babel, pedras imateriais que Antônio Vieira encontrou ao longo do Amazonas, Rio-Babel, ecumênico e profundo, em diálogo com seus afluentes e tributários. Não há outra forma de equacionar a relação língua/terra, tão imbricadas se mostram, senão dentro da cultura da hospitalidade.

Se não dispomos de uma gramática descritiva da língua do paraíso, intuímos suas virtudes poéticas, no plano das essências, na primeira aurora do mundo, pondo-se em marcha a nomeação adâmica, quando o curso do rio e das estrelas formavam um só destino.

Essa língua impensável requer uma projeção utópica, mediante poetas e tradutores que digam adeus às névoas do Uno e abracem vigorosamente o Múltiplo, vibrátil por definição, marcado pela beleza do Rosto.

O plurilinguismo nas Américas deve ser reativo à ontologia do Mesmo, que se espalha em escala planetária, nas imposições gasosas da economia global. O célebre ensaio de Erich Auerbach, “Filologia da *Weltliteratur*”, permanece atual,

A missão das Academias no mundo de hoje

ao destacar a insolvência da diversidade, que se faz maior, desde as ruínas do Pós-Guerra:

é chegada a hora de perguntar que significado possui a palavra Weltliteratur no sentido proposto por Goethe. Nosso planeta, campo da Weltliteratur, está se tornando menor e perdendo a sua diversidade (...) a suposição de que a Weltliteratur é a felix culpa: da divisão da humanidade em muitas culturas. Hoje, entretanto, a vida humana está se tornando uniforme. O processo de uniformidade (...) está minando todas as tradições individuais.

A América Latina responde ao ensaio de Auebach com a inteligência da coruja de Minerva, de olhos acesos, a partir de políticas que promovam as línguas fundamentais. Começamos com o legado ibérico enriquecido com as línguas que o renovam. Ampliar o espaço do castelhano em terras brasileiras e a língua portuguesa nos países da América Latina, para saber melhor quem somos e para onde vamos.

As virtudes do bilinguismo promovem uma ética entre conjuntos de fricção (a língua um e a dois), conjuntos incompletos, bem entendido, que se movem instados por uma espécie de completude incompleta, ou pela tradução entre dois conjuntos, abrindo caminho para uma terceira via, terceiro rosto, de que ambos os conjuntos saem iluminados. Babel invertida, com fios de ouro, com uma etimologia que olha escandalosamente para o futuro.

Assim, dentro desse programa, sempre por reiniciar, volto ao ensaio de Auerbach, quando afirma que a casa da filologia

é a Terra. Eis um gesto propício à defesa multilíngue de nosso continente, entre a filologia do planeta e a sintaxe da diversidade.

Promover a língua e a literatura é a missão de nossas Academias. Assim, favorecemos a cultura da paz e da justiça social. Liberdade e igualdade integram nossa agenda. Mas não podemos esquecer a fraternidade, traço de união que avaliza as duas pontas. Eis por que não acatamos a intolerância, as formas de exclusão, autorreferentes. Não existem duas humanidades. É o que repito ao visitar os presídios.

A barbárie da razão nasce de um ensino sem compromisso ético. Impõe o sotaque do ressentimento, a entropia da agressão, promessas de saídas ilusórias. A barbárie é o atalho para o abismo. O continente segue em chamas, com o aquecimento global, o negacionismo e a teologia do mercado.

Nossa vocação repousa na conversão do belo e do bom. O conhecimento exige um compromisso inapelável. Cria responsabilidade, obriga a uma deontologia. O dever kantiano. Uma hierarquia de valores.

A Academia Brasileira de Letras redobrou esforços durante a pandemia, com ênfase na formação de leitores. Levou livros a todos os rincões do país: terras indígenas e quilombolas, lares de longa permanência, bibliotecas prisionais e hospitalares, escolas de favelas e comunidades ribeirinhas do Amazonas.

Voltamos infelizmente à geografia da fome. Defendemos a inclusão do livro na cesta básica. Assinamos protocolos para a difusão cultural com a Câmara dos Deputados, a Marinha do Brasil e as ONGs.

A missão das Academias no mundo de hoje

No meio do caos, optamos pelo diálogo da boa vizinhança. Princípio de luz em meio às trevas.

Comovidos com a pandemia, transmutamos a dor com a adesão da esperança. Impagável a dívida com os que morreram e suas famílias.

Devemos apostar na sinergia. Buscar sempre, e em toda a parte, um sentimento de paz e de igualdade.

Abrimos hoje um capítulo inédito em nossa história. As Academias encontram-se mutuamente implicadas na busca do bem comum.

Cumprimento a todos com efusão. Agradeço os primeiros passos e a generosa resposta ao nosso apelo. Não mais estrela segregada, mas constelação. Permanecemos juntos com os *sonhos da origem* de Oscar Cerruto:

*tal vez un viento de esmeralda
un río un agua atronadora
una cascada de pájaros
un apogeo de augurios copioso
y de poderío
como los himnos del origen
como las lluvias
como los sueños del origen.*



ARGENTINA

Alicia María Zorrilla

Presidenta da Academia Argentina de Letras

I ENCONTRO DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS COM AS ACADEMIAS DA AMÉRICA LATINA.

Seminário virtual realizado nos dias 7 e 8 de outubro de 2020 intitulado “*A missão das Academias no mundo de hoje*”. O evento foi composto por diversas mesas-redondas com a maioria dos países latinos, em que foram debatidos o papel das Academias no mundo contemporâneo, seus idiomas originais e seu legado cultural.

Alicia María Zorrilla

Presidenta da Academia Argentina de Letras

Acadêmica e linguista argentina especializada na regulamentação da língua espanhola. É professora especializada em espanhol, literatura e latim no Instituto Superior del Profesorado *Roque Saenz Peña* e professora titular da cátedra de Literatura Hispano-Americana; graduada em Filosofia e Letras pela Universidade Complutense de Madrid e Doutora em Letras pela Universidade de Salvador. Em 22 de agosto de 2002 foi eleita membro da Academia Argentina de Letras, na 1157.^a sessão, e assumiu a Cadeira José Manuel Estrada. Ela também é membro hispano-americano correspondente da Real Academia Espanhola. Na sessão de 25 de abril, foi eleita presidenta da Academia Argentina de Letras para o período 2019-2022.

Sabemos que a palavra *academia* (Ἀκαδημία) é oriunda do grego Ἀκάδημος, herói lendário da mitologia grega, com quem está relacionado o nome arcaico Ἀκαδημία, local onde Platão compartilhava seus ensinamentos. Quando Castor e Pólux invadiram a Ática para libertar sua irmã Helena, esse herói ateniense disse a eles que ela estava em Afidnas, cidade onde Teseu a havia escondido. Em troca, eles não conquistaram as terras de Acâdemus. Com o tempo, estas se transformaram em um lindo jardim de oliveiras e bananas às margens do rio Cefiso, fora dos muros de Atenas, onde foi construído um ginásio dedicado ao herói mencionado. Lá, Platão fundou sua escola filosófica por volta de 388 a.C., que chamou de *Academia* e, naquele local, se reuniu com outros filósofos, ávidos por desvendar o conhecimento matemático, a retórica, a astronomia, a medicina em busca da verdade do pensamento, que é o diálogo interior. No frontispício, estava gravada a seguinte inscrição: “Aqui não entra ninguém que não saiba geometria”, fonte platônica de indagação e descoberta.

Em uma Academia, em um jardim, ou seja, em um paraíso, se reuniam os convocados pela mesma paixão: pensar o

conhecimento para se conhecer melhor a cada dia, elevar-se acima de si mesmos em busca do verdadeiro crescimento espiritual. Esse era o lugar de convergência de quem amava o conhecimento, não com o sentido impossível de “ser instruído em tudo”, mas com o de poder transmiti-lo com rigorosa beleza. O adjetivo não é gratuito, pois implica capacidade e sementeira do conhecimento. O substantivo tampouco o é porque a beleza não alude apenas à estética, mas também à ética, à experiência dos valores, a uma coincidência da ação vital com o significado desses valores. Por isso, o belo implica um estado de equilíbrio harmonioso que beira a intuição do perfeito. E se continuarmos com as etimologias, um *jardim* é um ‘cercado’, um ‘recinto’ que reúne, que acolhe. O poeta chinês Hi K’ang disse que achava agradável passear em seu jardim porque se tornava infinito, ou seja, podia entrar na atemporalidade que lhe permitia desfrutar de uma poíese sem fim. A palavra *infinito* é, então, a chave do conhecimento, pois não carece de limites, não conhece fronteiras. Uma palavra impensável, que ultrapassa o homem de todos os tempos e, sobretudo, o homem de hoje, tão fragmentado, tão quebrado, no físico e espiritualmente, apesar dos avanços tecnológicos, e, sobretudo, tão desorientado, preso na sombria incerteza, desesperança e angústia. Mas o conhecimento salva sempre. Deve, portanto, encher-se de conhecimentos. Esta canalização do conhecimento nos projeta para a nossa verdadeira missão como membros das Academias: a vocação de serviço, o dever de ajudar a reconstruir o mundo e de continuar a construí-lo, a dedicação sem reservas à comunidade. Saber é servir com alegria intelectual, ou seja, assumir com

A missão das Academias no mundo de hoje

convicção um compromisso de vida em relação ao momento histórico e à pesquisa científica; em nosso caso, na área da língua e da literatura que se escreve nessa língua, já que também com as palavras devemos convidar a sociedade a refletir, a aprender a pensar e a aprender pensando sem deixar de lado os sentimentos, cultivar a vontade de transformar para começar a se fortalecer para trilhar um novo caminho e tornar-se ela mesma no caminho do serviço ao próximo. Mahatma Gandhi pregou que pensamentos, palavras e ações necessitam ser equilibrados. A missão das Academias no mundo de hoje deve consistir em demonstrar essa harmonia. Não podemos ficar à margem do que dizemos, devemos querer, ousar fazê-lo e cumpri-lo com tenacidade apaixonada. Não desconhecemos que os inconvenientes, principalmente econômicos, são muitos e que, não raro, teremos que gerar nossos próprios recursos. Tudo é valioso desde que não paremos.

Sem dúvida, as Academias, as Casas das Palavras, não podem olhar para a sociedade de forma abstrata através de uma janela; devem ser consubstanciados com ela, criar vínculos, já que a vida humana é criação de vínculos e, portanto, o serviço se funda naquele vínculo que estimula o “trabalho conjunto para o bem comum”. Desta maneira, as Academias deixarão de ser apenas mansões solenes e enigmáticas que uns adoram, outros injuriam e muitos desconhecem, e se tornarão espaços abertos para superar a uniformidade do mundo em que o homem vive hoje, difundindo o desejo de saber e de entender.

Sem dúvida, a grandeza de uma instituição só se constrói com um trabalho que faça sentido para a vida e com

perseverança para que esse trabalho se intensifique no cotidiano. A missão das Academias é, portanto, também unir, consolidar vínculos – como o fazemos hoje – para continuar realizando e amadurecendo mutuamente nossas experiências. Somos uma grande família, e nada poderá abater nosso projeto altruísta, porque o assumimos com fé, com convicção, não simplesmente com opiniões. Trocar experiências de vida significa continuar a nos enriquecer, continuar a aprender com humildade, pois, como diz o escritor espanhol do Século de Ouro Baltasar Gracián, “não há ninguém que não possa ser mestre do outro em algo”. A missão das Academias é, portanto, também ensinar.

Particularmente, a missão da Academia Argentina de Letras é dar unidade ao estudo da língua e às obras que se publicam para valorizar a cultura do país; registrar as peculiaridades que distinguem o espanhol falado em nosso país; regulamentar os prêmios da Academia Argentina de Letras de Poesia, Narrativa e Ensaio para premiar os escritores de destaque e prestigiar seu trabalho intelectual; aprimorar o conceito de “teatro nacional” e garantir a correção do idioma, aconselhando todas as agências nacionais, provinciais ou privadas que solicitem seu serviço.¹ Desde 1984 concede o Prêmio Academia Argentina de Letras aos graduados com maior média de graduação da carreira de Letras de todas as universidades nacionais, para que tomem consciência de que aí começa o verdadeiro caminho profissional, a trabalhosa construção de uma trajetória.

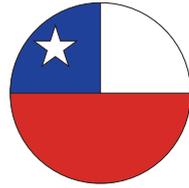
¹ Cf. Pedro Luis BARCIA, “Brevisima historia de la Academia Argentina de Letras” [on-line]. <<http://www.aal.edu.ar/?q=node/181>> Acesso em: 6 de abril de 2014.

A missão das Academias no mundo de hoje

Certamente, o trabalho não é individual. Construimos uma grande equipe com os diversos departamentos que atuam na Corporação (Biblioteca, Publicações, Pesquisas Linguísticas e Filológicas), com o corpo administrativo e docente. Somos todos a Academia sem hierarquias, porque a atividade de todos é valiosa e necessária todos os dias.

Como símbolo da cultura de suas origens, uma ala da Academia Argentina de Letras também está voltada para um jardim, que possui uma fonte; os acadêmicos muitas vezes têm prazer em admirá-lo e, acima de tudo, refletir com serenidade, conservar a vida do pensamento, para extrair sua seiva do silêncio até que só fique o silêncio, porque os dons dados por Deus para o cultivo da inteligência e para o consolo da alma, e os conhecimentos adquiridos constituem, sem dúvida, a base do nosso trabalho apaixonado.

Embora nenhuma inscrição à maneira platônica tenha sido gravada no frontispício de nossa Academia, poderíamos imaginá-la porque os acadêmicos se sentem assim: “Ninguém entra aqui que não tenha corroborado com seu trabalho e com seu comportamento que ama a língua, que identifica e respeita o conhecimento, jardim da vida interior e fonte de energia espiritual”.



CHILE

Adriana Valdés Budge

Diretora da Academia Chilena de la Lengua

I ENCONTRO DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS COM AS ACADEMIAS DA AMÉRICA LATINA.

Seminário virtual realizado nos dias 7 e 8 de outubro de 2020 intitulado “*A missão das Academias no mundo de hoje*”. O evento foi composto por diversas mesas-redondas com a maioria dos países latinos, em que foram debatidos o papel das Academias no mundo contemporâneo, seus idiomas originais e seu legado cultural.

Adriana Valdés Budge

Diretora da Academia Chilena de la Lengua

Estudou na Universidade Católica do Chile, onde lecionou literatura (1965–1975) e, após 25 anos trabalhando para as Nações Unidas, voltou a dar aulas de pós-graduação em artes na Universidade do Chile. Escreveu sobre artes visuais e literatura. Duas coletâneas de seus ensaios foram publicadas em livro. Com Pedro Lastra, ela coeditou o livro póstumo de Enrique Lihn, *Diario de muerte*, em 1989. Foi nomeada bolsista da Academia Chilena de la Lengua em 1993. Em 2010 se tornou a primeira mulher a servir como vice-diretora da Academia, onde foi reeleita em 2013. Recebeu o Prêmio Altazor em 2010, na categoria de Ensaio Literário, por seu livro *Enrique Lihn: visualizações parciais*, e em 2013 foi indicada para o mesmo prêmio com seu livro *Ángeles y Ninfas*, sobre Aby Warburg e Walter Benjamin. Com Alfredo Jaar, publicou *Studies on Happiness*, Barcelona, 1999. Em 2018 recebeu o Prêmio Municipal de Literatura de Santiago na categoria Ensaio.

As Academias em tempos difíceis: celebração

Saudações. Agradeço à Academia Brasileira de Letras e ao seu presidente, professor Marco Lucchesi, este encontro remoto, virtual, alegre e projetado ao futuro. Celebro estar nesta mesa com as muito admiradas presidentas da Academia de Letras da Argentina, Alicia María Zorrilla, e da Academia Ecuatoriana de la Lengua, Susana Cordero de Espinosa, e com o diretor da Academia Colombiana de la Lengua, Juan Carlos Vergara. É uma honra estar nesta reunião.

Agradeço ainda mais intensamente o encontro nestes tempos de incerteza e de dor. A pandemia parece praga suficiente e cobriu de luto nosso continente e quase todo o mundo. Em alguns de nossos países, reapareceram, além disso, a violência política e os fantasmas da pobreza e escassez. Não parecem, estes tempos, os mais propícios para celebrar. As atividades presenciais, em muitas Academias, entre elas a Chilena, desapareceram desde março deste ano, e a maior parte de nós, acadêmicos, está trabalhando de maneira remota desde nossas casas, de onde muitos aparecem com conexões nem sempre constantes.

Insisto, contudo, nesta palavra, celebração. O encontro mesmo é. Concebo-o como tal desde que fui convidada.

Não estamos aqui para nos colocar de cabeça para trabalhar em algo específico, senão para abirmos ao contato recíproco e para recordar o alcance continental que tem o conceito de nossa América, olhando em direção ao país irmão que é Brasil, cuja literatura admiramos, cujo pensamento tratamos de seguir pela via da leitura, cuja música cantamos e dançamos e cujo destino político se desenvolveu de tantas maneiras em semelhança com o nosso. Um país que nos é, ao mesmo tempo, próximo e distante, semelhante e, graças a Deus, nunca igual. O contato inicial, alegre, deste encontro não pode senão dar lugar a outros muitos sobre temas mais específicos, a encontros pan-americanos de literatura, por exemplo, em que estejam presentes os nomes ilustres de brasileiros como Machado de Assis, Cecília Meireles, Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, João Cabral de Melo Neto, Antonio Candido, Ferreira Gullar ou Ana Cristina César, por citar ao acaso somente alguns dos nomes que ampliam e fascinam nosso olhar literário na região.

Nossa Academia Chilena e a Academia Brasileira de Letras têm uma história que retomar, por exemplo, em matéria de publicações em conjunto. Recordo ter participado, faz anos, em um livro que reunia os poemas de Cecília Meireles e de Gabriela Mistral, por exemplo, em ambos idiomas, e ter escrito desde o Chile sobre a poesia de Cecília nesta publicação. Poetas chilenos como Gonzalo Rojas, Pedro Prado e outros tiveram, também, volumes nesta coleção, sempre relacionando seu nome com o de um poeta brasileiro.

Hoje, os encontros são diferentes. Mais movimentados, mais rápidos, esperamos que sem perder nem peso nem conteúdo.

A missão das Academias no mundo de hoje

O que não podemos fazer de maneira presencial, estamos conseguindo, cada uma das Academias, de maneira virtual. Realizar todas as nossas reuniões habituais, por via telemática, triplicou a assistência de cada uma delas, graças aos nossos correspondentes de todas as regiões do Chile e do exterior. Acontece o mesmo com os encontros interacadêmicos. Na semana passada, reunimos presidentes e diretores das Academias hispânicas. Nesta semana, o objetivo é as da América, considerando que toda a América Latina constitui uma região de significados e conteúdos culturais comuns. Este caminho não é novo, mas se dá em circunstâncias novas e conta hoje com meios novos para estabelecer colaboração e comunicação permanentes. Esperamos muito desse encontro, ainda que se realize nas condições de luto e de miséria continentais às quais me referi no início.

É, precisamente, ao sermos invadidos por pensamentos obscuros quando se dirigem ao próximo, quando o encontro com eles é mais valioso e mais desejado. Por uma parte, as experiências positivas que adquirimos ao lidar com essas situações podem ser compartilhadas e replicadas em outras Academias. Por outra, e essa é a mais importante, abrir as perspectivas do trabalho das Academias a suas respectivas sociedades e, por conta da dimensão latino-americana, é um respiro recíproco e de vontade otimista, capaz de combater, mediante o trabalho dedicado e entusiasmado, um clima de profundo pessimismo que afeta, neste momento, a toda nossa geração e a todo nosso mundo.

Sentimos falta de construir e reconstruir os fios de relações que unem nossas literaturas e nossas culturas. Sentimos

falta do olhar que nos permite relacionar, desde a literatura comparada, e entender melhor a nós mesmos lendo uns aos outros.

Entender melhor o que tem de comum nossas culturas e nossas formas de cidadania e ir aprendendo formas cada vez mais inteligentes, mais sutis e mais finas de nos relacionarmos.

As Academias, nesses tempos, não podem pretender influenciar diariamente nas decisões sociais e políticas. Elas podem, no entanto, ser espaços exemplares de debate, onde as distintas opiniões possam se moldar sem binarismos simplificadoros, sem desqualificações. É o nível da nossa linguagem o que está hoje aos cuidados das Academias e o limite onde podemos, em nossas atividades virtuais e presenciais, em nossas redes sociais, no anúncio de nossos prêmios, melhorar o nível do debate cidadão.

Um de nossos premiados recentes disse que a conversa de bom nível, manter aberta, ágil e vigente a possibilidade de debater é uma forma de resistência à morte e à miséria que parecem ter dominado nossas circunstâncias. O debate permite, em palavras de um poeta imortal, o peruano César Vallejo, ir desvendando “o que estamos sendo sem saber”, o futuro que está em nós e que vamos descobrindo no diálogo com as outras pessoas.

Parabenizo a Academia Brasileira de Letras pela iniciativa e agradeço o convite à nossa Academia Chilena a este debate.



COLÔMBIA

Juan Carlos Vergara Silva

Diretor da Academia Colombiana de la Lengua

I ENCONTRO DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS COM AS ACADEMIAS DA AMÉRICA LATINA.

Seminário virtual realizado nos dias 7 e 8 de outubro de 2020 intitulado “*A missão das Academias no mundo de hoje*”. O evento foi composto por diversas mesas-redondas com a maioria dos países latinos, em que foram debatidos o papel das Academias no mundo contemporâneo, seus idiomas originais e seu legado cultural.

Juan Carlos Vergara Silva

Diretor da Academia Colombiana de la Lengua

Graduado em Educação, com especialização em inglês e espanhol pela Universidade Nacional Pedagógica, é diretor do Departamento de Linguística, Literatura e Filologia da Universidade de La Sabana (Colômbia) e diretor do mestrado em Linguística Hispânica na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Desde 2011 é coordenador da Comissão de Linguística da Academia Colombiana e de sua publicação *El Vigía del Idioma*; Atualmente faz parte de um projeto de pesquisa sobre a presença do espanhol em línguas profissionais especializadas e é o coordenador da área caribenha continental para a elaboração do Glossário de termos gramaticais da Asociación de Academias de la Lengua Española (ASALE). Desde 2019 ocupa o cargo de diretor.

O poeta nicaraguense Rubén Darío, em suas *Letanías de nuestro señor don Quijote* [Ladainhas do nosso senhor Dom Quixote], depois de falar do “Rey de los hidalgos y señor de los tristes” [Rei dos fidalgos e senhor dos que são tristes] e de implorar seu favor, quase ao final de seus versos nos diz:

De tantas tristezas, de dolores tantos, de los superhombres de Nietzsche, de cantos afonos, recetas que firma un doctor; de las epidemias, de horribles blasfemias, de las Academias, libranos, Señor.” [“De tantas tristezas, de dores tantas, dos super-homens de Nietzsche, de cantos áfonos, receitas que um doutor assina; das epidemias, das horríveis blasfêmias, das Academias, livra-nos, Senhor.”]

Ao dar o mesmo status às epidemias e às academias, e ao atribuir-lhes o caráter de ser algo digno de ser separado de nossas vidas, como parte das tristezas e dores que nos acompanham na vida, Darío nos conduz a pensar no papel que os membros das Academias temos diante de nossas corporações.

É importante, nesta reflexão, perguntar-nos não só pela nossa visão acerca da missão dos acadêmicos na atualidade,

mas também ter o ouvido atento para escutar a quem nos vê fora dos nossos claustros e se pergunta pela justificativa da nossa existência corporativa.

Irei concentrar-me, então, no papel das Academias da língua, já que represento a Academia Colombiana neste fórum internacional.

Desde a fundação da Real Academia Española no século XVIII e, mais especificamente, desde a criação das Academias americanas, a partir de 1871, nos é advertido que o idioma é uma entidade cultural e histórica inatingível, que nos aproxima e nos convoca a seu serviço e preservação.

Nesse sentido, esta língua se converte no núcleo da nossa missão. Porém este instrumento de comunicação humana está firmemente unido à vontade individual e coletiva de seus falantes, que lhe dão forma constante e dinâmica para fazer dela sua propriedade e construir com ela sua existência.

As Academias tiveram, então, um papel fundamental na compreensão deste dever do idioma e contribuíram no reconhecimento da sua importância para consolidar nossa identidade nacional e nosso caminho coletivo com outros países que falem ou não nosso idioma, comercializam material e culturalmente conosco.

Por isso, o primeiro a se fazer é reconhecer a missão cumprida de quem nos precedeu nesta tarefa e que com seu exemplo deixou claro o papel dos acadêmicos em cada época, em meio a claro-escuros que desenham o quadro da tradição e da história de nossas Academias.

As guerras, os cataclismos políticos e as penúrias de nossos países americanos em sua época republicana acompanharam

A missão das Academias no mundo de hoje

a missão destes precursores de nossas Academias. Com isso, creio que um dos papéis dos acadêmicos em cada momento histórico é o de saber claramente que o cultivo da língua e das letras é sua missão central e dela se desprende sua missão permanente.

Os desafios para cumprir esta missão na atualidade são muitos; mas, com esta clareza, é possível aventurar respostas àqueles obstáculos que, depois de superados, fortalecerão a qualidade e pertinência de nossas ações acadêmicas.

As atividades idiomáticas, para começar, exigem uma grande responsabilidade científica. Quando lemos com curiosidade a primeira gramática da língua espanhola de dom Antonio de Nebrija, a *Gramática académica* de 1492, a *Gramática castellana para uso de los americanos* de Andrés Bello, e, finalmente, a *Nueva gramática de la lengua española* publicada há uma década, devemos reconhecer que toda esta tradição nos ampliou a visão sobre nosso idioma, ao ponto de que sua compreensão nos obriga a reconhecer a tradição gramatical e perguntar-nos, como acadêmicos, qual será o novo elo desta cadeia virtuosa de conhecimento sobre as leis e a dinâmica das estruturas da língua de hoje.

Em um plano paralelo, está a reflexão sobre o trabalho lexicográfico de cada uma de nossas Academias; ao recolher o acervo terminológico geral do idioma, unido às tarefas de compilação de dicionários nacionais e de especialidade que nos aproximem a um ofício eterno das Academias, onde os acadêmicos são chamados a manter um rigor e uma escuta atenta à voz dos falantes de nosso idioma.

Mas atrelada a essas lutas linguísticas está a tarefa imperiosa de reconhecer o pulso literário de nossas nações e, lutando contra o abandono e o esquecimento, mantê-los vivos e atuais no pensamento e na vida das jovens gerações que com sua leitura e com a inovadora produção de sua literatura geracional compõem o ritmo literário de nossos países.

A partir da ideia do Sr. Emilio Lledó, ilustre acadêmico da Real Academia Española, me atreveria a insinuar que uma das missões centrais das Academias é o cultivo e a preservação daquela língua matriz que dá origem ao pensamento individual e coletivo de seus falantes.

No entanto, devemos entender que nos últimos anos essas tarefas acadêmicas foram ampliadas. A ciência e a tecnologia criaram um universo léxico impressionante, que dia após dia, como no mito de Sísifo, quando acreditamos ter reduzido, já apareceram novas acepções e conexões em redes neuronais individuais e coletivas emergentes. O acadêmico atual deveria estar atento a esta eclosão léxica constante e dar conta dela em suas investigações e escritas.

O ingresso das tecnologias da informação, a comunicação e a aprendizagem, mediadas por signos linguísticos do próprio idioma, se combinam com emoticons e com hipertextos que ocupam o atual cotidiano dos usuários do idioma. De que modo os nossos acadêmicos resistem em reconhecer esta novidade ou a incorporamrem nas suas reflexões é outra tarefa que um acadêmico hoje deve assumir.

Como um terceiro cenário é importante valorizar a aparição da inteligência artificial que, mediante seus processos de reconhecimento de voz, recuperação de informação e

A missão das Academias no mundo de hoje

criação de conhecimento, desafia nossa imaginação e nos faz pensar se, em um futuro próximo, essas entidades construirão conosco a norma linguística que nos defina.

Sob esse ponto de vista, surge a pergunta sobre se nossas Academias estão enfrentando com rigor e disciplina as tarefas que tradicionalmente as definiram e, sobretudo, se os novos cenários estão sendo reconhecidos e compreendidos na justa magnitude e relevância.

O avanço da ciência e da tecnologia em nossa época é inquestionável, fato que marcou a vida e a história das últimas gerações, que viram nela um ambiente ecológico informático que, como uma armadura da Idade Média transportada para o presente, faz parte de seu vestuário e de seu sistema axiológico vital.

Este exoesqueleto digital transferiu-se, infalivelmente, para as sociedades que formam, regulam e desenvolvem essas novas gerações que estão criando um mundo onde os padrões que deram vida às gerações passadas são postos em julgamento e onde a teimosia, a surdez e a arrogância dos mais velhos não é um bom caminho para encontrar uma solução a este dilema histórico.

Para concluir, acredito que a relevância das Academias e de seus membros hoje, mais que nunca, exige seu compromisso histórico e pessoal. Engana-se quem pensa que ser acadêmico é um prêmio que a vida lhe oferece no final de seus dias e que, conseqüentemente, deve se apagar a centelha que permitiu o acesso a essas dignidades. É precisamente este reconhecimento social que os obriga a colocar o melhor da sua inteligência a serviço da sociedade que lhes

tem proporcionado esta oportunidade única de partilhar os seus conhecimentos e experiências acumuladas com as novas gerações.

Devemos, então, reconhecer que, se em algum momento esses jovens questionaram, à maneira de Darío, o papel das Academias, pode ser porque, ao avaliar seu grau de compromisso com a missão que a história lhes confiou, não estiveram à altura das circunstâncias. Confiemos em que, a partir de nossas ações acadêmicas, possamos gerar um saldo positivo derivado de um compromisso firme e claro com as responsabilidades que os desafios do século XXI exigem.



CUBA

Rogelio Rodriguez Coronel

Diretor da Academia Cubana de la Lengua

I ENCONTRO DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS COM AS ACADEMIAS DA AMÉRICA LATINA.

Seminário virtual realizado nos dias 7 e 8 de outubro de 2020 intitulado “*A missão das Academias no mundo de hoje*”. O evento foi composto por diversas mesas-redondas com a maioria dos países latinos, debatidos foram debatidos o papel das Academias no mundo contemporâneo, seus idiomas originais e seu legado cultural.

Rogelio Rodríguez Coronel

Diretor da Academia Cubana de la Lengua

Professor, ensaísta e crítico literário. Doutor em Ciências Filológicas. Diretor Adjunto da Academia Cubana de la Lengua. Diretor da revista da Universidade de Havana. Membro da União de Escritores e Artistas de Cuba (UNEAC). Presidente do Conselho Consultivo da Editorial Letras Cubanas do Instituto Cubano do Livro. Membro do Conselho de Estudos Literários Transatlânticos, projeto desenvolvido entre a Universidade de Havana, a Universidade de Granada, na Espanha, e a Universidade de Brown, nos Estados Unidos. Recebeu vários prêmios por sua carreira acadêmica e científica; entre outros, distinções pela Educação e Cultura Cubana e o prêmio do Reitor da Universidade de Havana pelo conjunto de sua obra. Diretor da Academia Cubana de la Lengua e Membro Correspondente da Real Academia Española. Autor da novela *Revolución cubana* (1986); *Espacios críticos* (1997); *Critica al paso* (1998); *Contrapunto: doce ensayos sobre la literatura en Panamá* (com Margarita Vásquez, 2008) e *Lecturas sucesivas* (2008).

Estou muito feliz com este encontro porque o primeiro que temos que celebrar é a possibilidade de nos encontrarmos. Esse grande continente americano que é o Brasil e o resto da América Espanhola insistem, às vezes, em dar de ombros. Faz muito tempo que queremos ver se nos encontramos cara a cara e nos ajudamos. Creio que este encontro vá ser transcendente se definirmos projetos concretos, colaboração entre nossa academia e a academia brasileira com projetos concretos. O primeiro que me vem à cabeça, posto que vocês têm experiência e, além disso, um grande teórico e prático, é um projeto de literatura comparada. As academias hispano-americanas estão órfãs de projetos literários. Praticamente todos são projetos do ramo linguístico. Agora se insinuem alguns projetos literários, mas ainda estão em construção, ainda estão balbuciando, e o grande projeto com o Brasil seria de literatura comparada, pensando que vocês têm um grande teórico e realizador que é Eduardo Coutinho, que abre uma pauta de reflexão justamente para projetos de literatura comparada entre hispano-americanos e Brasil.

TRADUÇÃO Ana Carolina Costa de Oliveira, Carolina Perez Suarez da Silva e Mariana Joel Nunes.

Há muito para fazer e muito interesse em concretizar ações. Eu fui professor na Universidade Federal do Rio de Janeiro, estive dando cursos de pós-graduação, há alguns anos estive em São Paulo, estive em associações brasileiras, tenho amizades muito queridas em distintas universidades do Brasil. Sei que o interesse em estabelecer esses vínculos, essas pontes, entre a literatura brasileira e a hispano-americana é muito grande, existe muito interesse em que esses projetos se realizem, mas nunca os impulsionamos a andar de uma maneira consequente, de uma maneira sistemática, com um apoio logístico. Eu acredito que se desta reunião sair um projeto dessa índole poderíamos estar muito satisfeitos. Por outro lado, é na Academia onde existe um alto índice cultural.

Acho que todos os desentendimentos dogmáticos, fundamentalistas etc., no mundo de hoje, devem-se à ignorância, a uma falta de cultura, a uma falta de entendimento das complexidades da vida e do ser humano, a uma falta de amor. Na Academia, pela sua mesma índole, se concentra um grupo humano de alto valor ético e, portanto, propenso a um maior entendimento, independentemente de dogmas, fundamentalismos e posturas estreitas a respeito desse ponto de vista. Portanto, podemos fomentar esta reunião entre nossas Academias como um indicador de por onde puderam ir as relações entre nossos países; influir, de algum modo, em instâncias decisórias, digamos, das relações culturais ou das relações institucionais em geral. Podemos ajudar-nos, apoiar-nos mutuamente, conhecer-nos. Quando pudermos, quando não houver Covid-19 e tivermos recursos, será necessário

A missão das Academias no mundo de hoje

nos reunir e nos conhecer. Estou convencido de que a melhor maneira de colaborar é a partir do conhecimento pessoal.

Acho que precisamos começar já a conceber projetos. Peço que solicite a colaboração de Eduardo Coutinho, um grande conhecedor de diálogos culturais, reconhecido pelos especialistas na área de estudos comparados.



EL SALVADOR

Eduardo Buenaventura Badía Serra

Diretor da Academia Salvadoreña de la Lengua

I ENCONTRO DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS COM AS ACADEMIAS DA AMÉRICA LATINA.

Seminário virtual realizado nos dias 7 e 8 de outubro de 2020 intitulado “*A missão das Academias no mundo de hoje*”. O evento foi composto por diversas mesas-redondas com a maioria dos países latinos, em que foram debatidos o papel das Academias no mundo contemporâneo, seus idiomas originais e seu legado cultural.

Eduardo Buenaventura Badía Serra

Diretor da Academia Salvadoreña de la Lengua

Doutor em Química Industrial, Eduardo Buenaventura Badía Serra é licenciado em Filosofia pela Universidade Centro-Americana José Simeón Cañas, com especialização em História da Ciência, Epistemologia e Gnoseologia. É professor em várias universidades salvadorenhas e doutor honorário em Educação pela Universidade Tecnológica de El Salvador. Foi Vice-Ministro da Educação de 2009 a 2012. Presidente da Associação Salvadorenha de Engenheiros Químicos e Químicos Industriais, da qual foi membro fundador. Membro do American Institute of Chemical Engineers em Nova York. Seus trabalhos publicados incluem *Proyecto de un ingenio azucarero para Centroamérica* (1985); *Metodología de la investigación científica* (2010); *Introducción al estudio de los valores* (2010); *Apuntes para el estudio de la Filosofía* (2010); *Los casos del alcohol carburante y el biodiesel* (2012).

Estimados amigos e companheiros acadêmicos da América Latina:

Cumprimentamos desde El Salvador, América Central, este encontro, que em circunstâncias especialmente difíceis se inaugura hoje com um tema que é particularmente importante para a orientação futura do trabalho das Academias em nosso continente.

Falo em nome da Academia Salvadoreña de la Lengua, correspondente da Real Academia Española e membro da ASALE, a Asociación de Academias de la Lengua Española.

Do nosso ponto de vista, não temos dúvidas de que as Academias-membros da ASALE, e a Real Academia Española (RAE), fazem um grande esforço para cumprir os seus objetivos, isto é: manter o idioma castelhano em sua pureza tradicional e registrar seus acréscimos legítimos, fomentar a literatura de nossos países, lidar com estudos filológicos e lexicográficos para adições ao dicionário da Real Academia Española; em nosso caso, fomentar o uso e a aceitação daqueles salvadorismos que podem enriquecer o idioma; conservar, defender e incrementar os arquivos, bibliotecas, museus e coleções de obras; promover e participar nos acontecimentos

TRADUÇÃO Ana Carolina Costa de Oliveira, Sabrina Jesus Santos, Mariana Joel Nunes, Ana Carolina Pires Ribeiro e Vitória Sara de Almeida Campos.

históricos de El Salvador e da América Central em geral e, em particular, em relação aos temas da língua e da literatura. Em suma, a RAE e a ASALE buscam tornar realidade aquilo de “*limpia, fija y da esplendor*” a nossa língua.

Com isso, contribui-se clara e inquestionavelmente para o cumprimento daqueles objetivos que este encontro estabeleceu em sua “Carta das Américas”: afirmar nossas culturas como centros de pensamento a fim de aprofundar os caminhos da paz, da tolerância, do diálogo e do intercâmbio; reafirmar nossas identidades e fazê-las continuar como representantes de nossos povos; defender a multiplicidade de nossas próprias vozes. Sem dúvida, almejados propósitos que devemos continuar a manter a todo custo e superando todos os obstáculos que possam surgir.

A ASALE, a RAE e, em particular, nossa Academia Salvadorense de la Lengua fazem, nesse sentido, um esforço louvável, sustentado no tempo e no espaço.

Mas, sem deixar absolutamente de cumprir os objetivos que tenho destacado e que, no fundo, também contêm em essência o que vocês propõem nesta “Carta das Américas”, estimo que haja alguns pontos que devem ser postos na mesa para a discussão. Penso que, acompanhando o grande trabalho de gabinete que realizamos, devemos retornar de alguma maneira ao povo, às pessoas, que é quem faz o idioma, é quem o fala, quem o utiliza e que, nesses momentos, em nosso caso particular de El Salvador, se encontra em um claro perigo devido à influência negativa de três fatores que identifico: a influência negativa do idioma inglês, que, inclusive, na opinião de alguns de nossos especialistas, está

A missão das Academias no mundo de hoje

afetando a estrutura do espanhol; o desnaturalizante uso do que chamam de “linguagem inclusiva”, que não só enfeia e desorna a expressão, mas também a complica e a deixa confusa; e, finalmente, a linguagem digital, que, de igual maneira, provoca uma desnaturalização da maneira correta de falar do nosso povo, particularmente dos nossos jovens.

Quero, portanto, aproveitar a oportunidade que me oferece este encontro, o qual agradeço em nome de nossa Academia, para propor em discussão esses três temas, buscando uma forma adequada e correta, além de respeitosa, pela qual as Academias possam ter um contato melhor e mais intenso com nossos próprios habitantes.

Uma saudação fraterna a todos e a esperança de uma próxima e breve oportunidade em que possamos manter um contato tão amigável e útil como o presente.



EQUADOR

Susana Cordero de Espinosa

Diretora da Academia Ecuatoriana de la Lengua

I ENCONTRO DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS COM AS ACADEMIAS DA AMÉRICA LATINA.

Seminário virtual realizado nos dias 7 e 8 de outubro de 2020 intitulado “*A missão das Academias no mundo de hoje*”. O evento foi composto por diversas mesas-redondas com a maioria dos países latinos, em que foram debatidos o papel das Academias no mundo contemporâneo, seus idiomas originais e seu legado cultural.

Susana Cordero de Espinosa

Diretora da Academia Ecuatoriana de la Lengua

Doutora em Ciências da Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Equador (PUCE), foi, durante vinte e seis anos, professora de língua francesa, estilo e composição em espanhol e filosofia da educação na referida universidade. Ministrou cursos de correção de linguagem e redação na Universidade Católica de Guayaquil. Foi professora visitante de literatura espanhola e latino-americana na University of Knoxville, Tennessee (2000-2001). Desde 2009 é reitora da Universidade de Otavalo, onde anteriormente foi diretora do Departamento de Linguagem e Comunicação. Entre 2001 e 2013 foi responsável pela coordenação do trabalho linguístico entre a AEL, a RAE e a ASALE. Em 2001 coordenou, para a área andina, a redação do Dicionário Pan-Hispânico de Dúvidas e, entre 2001 e 2012, participou de todos os trabalhos acadêmicos publicados nesse período. Foi distinguida com a nomeação de membro do Grupo América (1988); recebeu o Prêmio Fray Vicente Solano por seu trabalho intelectual na área cultural (2001) e o Prêmio de Mérito Universitário, da Universidade de Otavalo (2003). Em 1998 foi nomeada corretora idiomática e estilística da Constituição Política da República do Equador. É diretora, desde fevereiro de 2013, da Academia Ecuatoriana de la Lengua.

Nada melhor que fazer, ao começo da minha colocação, do que recorrer às palavras com as quais o presidente da Academia Brasileira de Letras, Senhor Marco Lucchesi, convida a este ato singular as Academias de Língua e das Letras Hispano-Americanas, para abri-las em diálogo fecundo, mais importante quanto mais difícil são as horas que vivemos. O representante máximo desta corporação secular nos convida a *novas formas de diálogo e sociabilidade que não sucumbam aos desafios que o planeta enfrenta* e incentiva nossas instituições a assumir, como a implementação de uma forma de ser, a exigência de estudo, defesa e enriquecimento de nossas línguas, cuja missão central é preservar e comunicar às respectivas culturas desde o autoconhecimento para o bem.

É belo e paradoxal que a atroz pandemia que não queremos nomear tenha sugerido à inteligência sensível do presidente da Academia Brasileira a convocação a este Congresso, como para cumprir esse belo destino da autêntica cultura: exorcizar a doença e a morte. Sua sensibilidade ibero-americanista faz possível esta reunião, graças à “rede informática mundial” como a nomeia nosso *Diccionario de la lengua española*, hoje pan-hispânico.

Os séculos mostram que não há cordão umbilical mais sólido que o da língua para superar obstáculos de desintegração em tempos de dispersão e desenraizamento. As Academias, nas palavras de Lucchesi, “*confiam na afirmação das culturas latino-americanas como centro do pensamento para aprofundar os caminhos da paz, da tolerância, do diálogo e da partilha*”. Que “meta comum” melhor, que outra missão?

Então, parte de tal missão surge da nossa história. Trago um breve resumo da vida da Academia Equatoriana, a segunda da América, instalada em Quito em 15 de outubro de 1874. Nosso primeiro diretor, o senhor Pedro Fermín Cevallos, apontava em seu *Breve catálogo de errores en orden a la lengua y lenguaje castellanos*, a preocupação central dos acadêmicos: preservar o espanhol contra os usos que pudessem alterá-lo. Tal proteção hoje soa à forma pequena, da qual parecia difícil sair, ainda que devemos ler em outra chave o lema da nossa Academia. Ela repete, em seu escudo, o da Real Academia Española: “Limpa, fixa e dá esplendor”. Nossas corporações já não tentam limpar nem tirar o brilho da língua, ao estilo dos limpadores de metal, mas o esplendor do espanhol e o do português no Brasil e nos diferentes países em que se fala ganharam um brilho incomparável com extraordinários escritores, poetas, romancistas, ensaístas, o que deu a nossas línguas lugar preeminente na palavra universal, que ninguém pode discutir e do que ninguém discorda.

Em 24 de março de 1908, o arcebispo, historiador e acadêmico da língua, monsenhor Federico González Suárez,

A missão das Academias no mundo de hoje

dirigiu ao senhor Alejandro Pidal y Mon, Diretor da Real Academia Española, esta carta, resumo dos problemas que vivia o espanhol nos tempos arriscados de sua entronização como língua, em boa parte da América:

*Exmo. Senhor dom Alejandro Pidal y Mon,
Director de la Real Academia Española de la Lengua.*

Madrid.

Excelentíssimo Senhor.

Há, como V.Ex.^a bem sabe, entre a língua que se fala e a alma do homem, uma união tão íntima, um vínculo tão apertado, uma dependência tão recíproca, que a linguagem vem a ser, por isso, como que um espelho vivo, em que aparece refletida a alma, com exatidão: cultivar, então, o idioma, estudá-lo, analisá-lo e buscar conservá-lo puro, genuíno e incontaminado é obra civilizadora; e tanto mais civilizadora quanto (como acontece no castelhano) seja o idioma que se fala mais perfeito, mais rico, mais variado e esteja já fixado mediante a formação de uma literatura na [qual o] que costumamos chamar o fundo das obras literárias encontre-se em harmonia com a expressão. Um equívoco lamentável começou a surgir, há algum tempo, nos povos hispano-americanos, e foi o de acreditar que também o idioma em nossas Repúblicas devia se emancipar da Espanha, assim como as colônias haviam se emancipado da Metrópole; confesso em simples palavras a V.Ex.^a que já não posso entender como se poderia ter verificado semelhante emancipação do idioma, a não ser que se houvesse acordado [n] a democracia americana em falar uma língua do todo indisciplinada, o qual, ainda que se quisesse,

I Encontro da ABL com as Academias da América Latina

haveria sido metafisicamente impossível de realizar. Pelo idioma castelhano, que é a fala materna dos americanos, ainda, até agora, como nos dias de Carlos Quinto e de Felipe Segundo, o sol não se põe nos domínios pacíficos da Real Academia Española de la Lengua.

Com profundo respeito, sou de V.Ex.^a, Exmo. Senhor Marquês, atento servidor e capelão. Arcebispo de Quito.

Quito, 24 de março de 1908.

Este é o espírito de nossa Academia: graças ao castelhano que nos une, formamos parte de uma milionária comunidade de falantes de dezenove países hispano-americanos. Santiago Muñoz, atual presidente da Associação de Academias, em seu livro *Hablamos la misma lengua*, abunda na inquietude do prelado: “*Era imprescindível, para nos libertarmos da antiga colonização espanhola, ‘conquistar a independência cultural e, especialmente, linguística’*”?

O Equador deu, na América, em 1809, o primeiro grito da independência e nunca teve líderes políticos nem homens de cultura que sentissem o espanhol como um peso. Mas a tragédia da conquista e da cruel colonização que submeteu por séculos os grupos indígenas cobrou tributos amargos, dos quais o maior foi o de haver relegado sua língua a um confinamento vergonhoso, ainda que o quíchua, então língua geral, se empregasse para a catequese indígena durante a administração espanhola. A partir da nossa independência, em 1822, o espanhol expandiu-se na educação em detrimento das línguas originárias.

A missão das Academias no mundo de hoje

O ex-presidente equatoriano e acadêmico, dom Luis Cordeiro Crespo, no prólogo de seu *Diccionario quíchua-español, español-quíchua*, de 1892, anunciava:

Na Serra, coexistiam harmonicamente castelhano e quíchua, aproximando-se na expressão graciosa, nos modismos peculiares e na forte fala popular de certas províncias [...]. Representava tal irmandade essa etapa histórica e sociológica da projeção da cidade sobre o campo e do campo sobre a cidade. Hoje, avançada a história, avançada a mestiçagem e convertida a cidade em meta de agricultor, o quíchua entrou em uma etapa de atenuação e obscuridade, em que nem os interessados por conservá-lo fazem o mínimo esforço em sua defesa.

Felizmente, o substrato quíchua do nosso espanhol não foi eliminado, e a consciência do seu próprio valor, que, ainda há uns poucos anos, estão tomando os indígenas equatorianos de diferentes etnias e línguas, faz com que procure recuperar e preservar os idiomas aborígenes, fomentar as escolas bilíngues, o estudo de quíchua e de outras línguas originárias.

O quíchua enriqueceu nossa língua: nossa idiosincrasia mestiça se nutre do seu léxico, de perífrase de fino espírito, como a das formas de “dar” mais gerúndio que atenuam o imperativo e o aproximam a um implorar: “Dá dizendo que vou voltar, não seja mau”, no lugar de *Diga que vou voltar rápido, por favor*. Nossa cozinha ganha a batalha gastronômica que nunca teve que lutar: o locro, o timbushca, os lla-pingachos; as choclotandas, o caucara, o champús; o sango, a chuchuca, o mote; o chulco, a mashca, a chicha, comemos muito a nossa comida em quíchua. “Voltam-se, no exame da

I Encontro da ABL com as Academias da América Latina

língua, ao restabelecimento de vínculos gloriosos”, escrevia o ex-diretor de nossa Academia, Julio Tobar Donoso, “sobretudo, quando esses se fundem em dois patrimônios inefáveis que se gravam profundamente na alma das multidões: religião e língua”.

Em 1875, *El Nacional*, meio oficial do Equador, reproduziu o “Certificado de instalação da Academia Ecuatoriana de la Lengua, correspondente da Real Academia Española”, quando o então presidente, Gabriel García Moreno, aprovou-o juridicamente; assim, se instituiu a segunda academia americana. Esse governante, totalitário e católico fervoroso que consagrou o Equador ao Sagrado Coração de Jesus, assinou, em 1875, o decreto legislativo cujo primeiro artigo diz:

Em mérito às razões que os senhores acadêmicos expuseram em sua solicitação e por considerar dever da legislação o proteger e dar impulso a todo o que, de qualquer maneira, ilustra e honra a Nação, decretam: Art. 1.º Conceda-se a Academia Ecuatoriana correspondente da Espanhola, a doação de seiscentos pesos por ano que satisfará o Tesouro Nacional [...] por dividendos mensais. No artigo 2.º [...] se concebeu, além disso, franquia nos postos da república para sua correspondência com a Espanhola e com as Academias estabelecidas em América. Porém, ‘dado a vertigem dos acontecimentos políticos que culminaram o 6 de agosto com seu assassinato’, García Moreno não pôde favorecer, nesse sentido, a recém-nascida corporação. (Salvador Lara, Jorge, Memórias AEL, 1975).

A doação de seiscentos pesos foi efetivada só uma vez durante os primeiros 25 anos da vida acadêmica e originou

mil e uma reivindicações ante governos que não se sentiram obrigados a cumpri-las; a improdutividade de lembretes inúteis amargaram os anos de governo de nosso primeiro diretor. Contam nossas *Memórias*: “Como deviam à Academia os subsídios anuais desde 1876, Carlos Rodolfo Tobar Guarderas, seu terceiro diretor, em 1896, reiniciou as gestões ante o governo para o pagamento de dotações estatais. Entregar à Academia foi a fórmula aceitável encontrada, em propriedade, a metade do imóvel da Biblioteca Nacional, transação que foi legalizada em decreto de 28 de outubro de 1904; o Congresso de 1905 consolidou a propriedade do edifício, facultando a Academia, para alienar o imóvel e adquirir outro mais adequado aos fins que persegue”. O imóvel nunca foi alienado. Restaurado e ocupado pela primeira vez entre 1980 e 1987, desde 2013, voltamos à sede, graças ao interesse da Real Academia Española, a generosidade de Cooperação Espanhola e a de sucessivas prefeituras de Quito, que beneficiaram a corporação com a restauração definitiva do seu antigo imóvel, assim como a de ruas e praças vizinhas.

Nossa história culmina nos sonhos comuns abertos por este congresso virtual. Pessoa, o grande poeta português, fala sobre isso em seu *Livro do Desassossego*, que lamento não pronunciar em sua bonita língua-irmã: “É humano querer o que é necessário para nós e é humano desejar o que não é necessário para nós, mas desejável”. Para mim, esse congresso foi necessário e desejável, como assim são os propósitos para os quais foi concebido. Muito obrigada pela grande oportunidade de sentirmos em unidade a favor de nossa América.



GUATEMALA

María Raquel Montenegro Muñoz

Diretora da Academia Guatemalteca de la Lengua

I ENCONTRO DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS COM AS ACADEMIAS DA AMÉRICA LATINA.

Seminário virtual realizado nos dias 7 e 8 de outubro de 2020 intitulado “*A missão das Academias no mundo de hoje*”. O evento foi composto por diversas mesas-redondas com a maioria dos países latinos, em que foram debatidos o papel das Academias no mundo contemporâneo, seus idiomas originais e seu legado cultural.

María Raquel Montenegro Muñoz

Diretora da Academia Guatemalteca de la Lengua

Diretora da Academia Guatemalteca de la Lengua. Participou como membro da Academia Guatemalteca de la Lengua na revisão do *Dicionário da Língua Espanhola*, da *Ortografia da Língua Espanhola* e da *Nova Gramática da Língua Espanhola*. Formou-se como professora de ensino médio em língua e literatura (1993) e licenciou-se em letras (1994) na Universidade de San Carlos de Guatemala. Também obteve o título de mestre em lexicografia hispânica, concedido pela Escola de Lexicografia Hispânica da Association of Language Academies (Madrid, 2002). Participou como pesquisadora e professora de Língua e Literatura Espanhola da Agência Espanhola de Cooperação Internacional no XL Curso Ibero-Americano para Professores de Língua e Literatura Espanhola (Madrid, 1996). Foi bolsista da Academia Guatemalteca de la Lengua para projetos da Real Academia Española, com o apoio da Agência de Cooperação Espanhola, através do Programa de Bolsas MAEC-AECI do Ministério das Relações Exteriores da Espanha para colaboração linguística nas Academias correspondentes da Real Academia Española na América Latina (2003-2006). Nesse período, participou da revisão do Dicionário Acadêmico de Americanismos, da Nova Gramática Acadêmica e do Dicionário da Real Academia Española. Entre suas publicações: *Leo Ortografía actualizada* (Prensa Libre, 2017), *Comunicación activa* (2002), *Propedéutico de lenguaje* (2002); trabalhou como assessora, autora ou coautora com o Grupo Editorial Norma. Atualmente, trabalha como Especialista em Língua Espanhola no Projeto Ler e Aprender da USAID.

Receba uma saudação cordial da Academia Guatemalteca de la Lengua correspondente da Real Academia Española. Agradeço à Academia Brasileira de Letras por ter nos convidado para participar deste I Encontro de Academias de Letras da América Latina. Estou certa de que este encontro será frutuoso e que nos oferecerá espaços agradáveis para o diálogo. Uma saudação fraterna aos meus colegas das academias cubana, salvadorenha e mexicana de língua espanhola.

Gostaria de começar a minha participação fazendo algumas perguntas: O que faríamos hoje sem um sistema de escrita? O que faríamos sem a possibilidade de nos comunicarmos uns com os outros através da palavra escrita? Imaginar isso é difícil, e vivê-lo, muito mais.

Em seu início, a humanidade não tinha nenhum sistema de escrita que pudesse ser utilizado para a comunicação diária e para a expressão artística; apenas a expressão oral era utilizada. Depois alguns povos criaram o seu próprio sistema de escrita e, com ele, alcançaram um grande avanço na sua história.

Outro progresso relevante neste sentido foi a invenção da imprensa. Graças a isso, as pessoas tiveram a oportunidade

de ter materiais escritos e puderam ter acesso a um ou mais exemplares do mesmo livro. Essa situação teve como consequência que em muitos nasceu a necessidade de aprender a ler; também aumentou a possibilidade de divulgação de textos com diversas temáticas e com diversos propósitos. Nesta difusão, a abordagem e o estudo de cada uma das línguas, das suas peculiaridades, das suas normas... exigiam novos estudos linguísticos e literários.

Mais perto da nossa época, a possibilidade de acessar a palavra escrita e oral através de meios digitais tem sido um marco na nossa história. A possibilidade de difusão e comunicação aumentou exponencialmente. Além disso, a utilização de meios digitais para a comunicação interpessoal e expressão artística exigiu, da linguística, dos estudos literários e das Academias, uma visão de uma perspectiva diferente.

Ademais, as fronteiras linguísticas estão a tornar-se cada vez mais difusas. Isso faz com que as pessoas vivam frequentemente com outras línguas através, entre outras coisas, dos meios digitais. Também se reforçou a necessidade de saber mais sobre o ensino de línguas diferenciadas a partir da perspectiva de uma língua nativa, de uma segunda língua ou de uma língua estrangeira.

Por outro lado, as línguas apresentam variações a perspectiva de análise e política linguística evoluiu para um enfoque pluricêntrico que considera os usos tendo em conta as variáveis lexicais, gramaticais ou fonéticas das línguas. Em muitos casos, as abordagens descritivas e prescritivas ou normativas são combinadas na abordagem e na investigação linguística, ou seja, aborda-se a sintaxe ou a morfologia de uma língua

apresentando, em alguns casos, os usos existentes; em outros, expondo a norma.

Neste contexto, a missão das Academias da língua está se tornando cada vez mais extensa. Tradicionalmente, seu trabalho tem assumido duas vertentes principais: linguística e literária. Por exemplo, com base nos artigos 1.º e 3.º de seus estatutos, a missão da Academia Guatemalteca de la Lengua é **assegurar o desenvolvimento da língua espanhola na Guatemala e promover a literatura nacional através de estudos e pesquisas.**

No mundo de hoje, ambas as formas de trabalho ainda são necessárias: linguística e literária. Em ambos os campos, os novos formatos de uso devem ser considerados – os digitais. Também devem levar em conta as novas metodologias de análise; por exemplo, o estudo linguístico por meio de *corpus* ou bancos de dados. Isso faz com que as Academias se unam no trabalho de elaboração do *corpus* que é utilizado na preparação de obras que orientem os falantes, como é o caso de dicionários, gramáticas e ortografias.

Dado o exposto, a realização da missão das Academias no mundo de hoje exige a publicação de materiais sobre linguagem e literatura. Sem chegar a ser uma entidade editorial, as Academias podem auxiliar na seleção e publicação de materiais em vários gêneros, mesmo não comerciais. As Academias contam com especialistas em muitas áreas, e a contribuição que estes podem dar na seleção e análise de obras de vários gêneros fornece valor adicional às publicações. Na Academia Guatemalteca temos um exemplo recente disso, pois este ano foi publicado *El Señor Presidente*,

escrito por Miguel Ángel Asturias, nosso Prêmio Nobel de Literatura. Esta edição foi conduzida pela Asociación de Academias de la Lengua Española (ASALE) e inclui valiosos ensaios de pré e pós-produção que dão valor adicional à edição. Esta publicação contribui para a divulgação e o reencontro dos leitores com esta novela.

Por outro lado, a publicação de obras normativas e descritivas que abordem ou orientem o uso das línguas continua fazendo parte da missão das Academias na atualidade. Ainda são necessários os dicionários, as ortografias e outras obras que esclareçam o uso de cada língua.

Outro campo de trabalho das academias no mundo de hoje diz respeito ao ensino e aprendizagem das línguas. No ensino, podemos considerar a abordagem como língua materna ou como língua estrangeira. No caso do espanhol, o Instituto Cervantes, em seu relatório de 2019, indica que mais de 21 milhões de pessoas estudam espanhol no mundo. Esse dado nos dá a oportunidade de refletir sobre a importância do ensino e da aprendizagem de línguas e as contribuições que as Academias podem fazer neste campo. Da mesma forma, do uso da literatura e da linguística aplicada para apoiar estes processos.

Na literatura, as Academias têm elementos para participar na seleção dos textos e na identificação de suas características, de acordo com os níveis educacionais. Elas também podem fornecer orientações sobre quais textos literários de vários gêneros contribuem para a aprendizagem e podem ser usados para transmitir aos estudantes o prazer estético da literatura.

A missão das Academias no mundo de hoje

As Academias podem contribuir para a aprendizagem de línguas com estudos de linguística aplicada, como a elaboração de *corpus* lexical disponível ou fundamental de estudantes em vários níveis, estudos de crescimento sintático, entre outros. Também apoiam o aprendizado com obras específicas para estudantes como gramáticas, dicionários e ortografias. Além do mencionado, os estudos linguísticos podem ser usados como base para o desenho de metodologias de ensino, avaliação e de materiais para o ensino de línguas.

Em resumo, a missão das Academias no mundo de hoje pode ser vista em vários campos: literatura, linguística e ensino de línguas. Em cada um deles, podem cultivar estudos específicos, fornecer diretrizes baseadas em pesquisa, publicar trabalhos específicos, entre outros.



MÉXICO

Adolfo Castañon

Secretário da Academia Mexicana de la Lengua

I ENCONTRO DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS COM AS ACADEMIAS DA AMÉRICA LATINA.

Seminário virtual realizado nos dias 7 e 8 de outubro de 2020 intitulado “*A missão das Academias no mundo de hoje*”. O evento foi composto por diversas mesas-redondas com a maioria dos países latinos, em que foram debatidos o papel das Academias no mundo contemporâneo, seus idiomas originais e seu legado cultural.

Adolfo Castañón

Secretário da Academia Mexicana de la Lengua

Narrador, ensaísta e poeta mexicano. Estudou na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM). Foi diretor editorial e diretor da Unidade Editorial do Fondo de Cultura Económica; codiretor da série Periolibros (Fondo de Cultura Económica/UNESCO), fundador da Cave Canem, pesquisador do IIFL. É o sexto ocupante da cadeira II da Academia Mexicana de la Lengua desde 2003. Recebeu o Prêmio Xavier Villaurrutia em 2008, por seu ensaio *Viagem ao México*. Ensaios, crônicas e retratos, além do Prêmio Nacional de Jornalismo “José Pagés Llergo”, hoje Prêmio Nacional de Comunicação “José Pagés Llergo”, em 2009, pelo programa Os professores por trás das ideias, da TV UNAM. Em 2018, recebeu o Prêmio Internacional “Alfonso Reyes” por sua destacada carreira literária e o Prêmio “Manuel González Ramírez” de Fontes e Documentos do Instituto Nacional de Estudos Históricos das Revoluções do México (INEHRM). Em 2020, o Prêmio Nacional de Artes e Literatura.

Em primeiro lugar, agradecemos o convite da Academia Brasileira de Letras para realizar esse encontro que, aliás, ressalta a profunda unidade da cultura ibero-americana no mundo e a tomada de consciência dos países da América Latina em relação à responsabilidade que as Academias têm como portadoras e modelos, pontes e canais, da unidade histórica, literária, poética e política que distingue o continente das sete cores, como o chamou o colombiano Germán Arciniegas.

As duas palavras que intitulam e tutelam este encontro estão carregadas de sentido, e a frase que (elas) compõem pode inclinar-se em diversos ângulos. As dezoito letras do seu enunciado formam um octossílabo carismático. A frase perpassa o religioso e pode ser secularizada com os sinônimos de função ou papel. A prestigiosa voz “missão” imprime uma conotação teológica e necessariamente política ao enunciado. Dessa forma, a condição política e cívica desse encontro não pode ser negligenciada, o que de certo modo favorece as circunstâncias em que atualmente se desenvolve o trabalho das Academias.

A missão das Academias no mundo de hoje se inclina em diversas tarefas imediatas, mas tem o denominador comum

do conhecimento da pluralidade linguística praticada e da urgente necessidade de validar normas e orientar sistemas de referência e linhas normativas para a sociedade em que estão inseridas. Uma primeira se refere à consciência da conservação da língua espanhola como patrimônio cultural intangível de cada um dos países que compõem a ASALE. Esta conservação se dá no tempo e no espaço e se refere à organização e classificação do patrimônio linguístico do passado e do presente, na qual têm um papel preponderante as vozes provenientes das línguas originárias. O patrimônio, os patrimônios estão “cheios de vida” nas frases, locuções e palavras que informam os dicionários que traduzem uma das missões das Academias, a de escutar a sociedade através das vozes que persistem e sobrevivem graças aos sistemas normativos que marcam seus trabalhos como Academias.

A missão das Academias não pode ser separada da sua própria essência e do que ela representa como centro de concordância e inteligência, de harmonia e normalização. As Academias têm o dever da fidelidade a sua própria história e a sua geografia, ao sentido subjacente da geografia espiritual americana. A possibilidade de comunicação que testemunha esse encontro permite o compartilhamento de formas para imaginar o futuro da cultura latino-americana, afirmando Academias como eixos e constelações do pensamento capazes de consolidar os caminhos do diálogo e da tolerância.

A missão das Academias no mundo hoje está guiada por uma preocupação relacionada com a educação básica, média e superior, assim como pela promoção da investigação linguística, literária e cultural. A partir da Academia Mexicana

de la Lengua estas ações se promovem através dos exercícios das Comissões de Lexicografia e de Consultas, assim como dos Gabinetes de Comunicação e Editorial. Desde a AMIL se trabalha em programas atentos à organização do patrimônio linguístico hispano-americano, como pode ser o caso do CORDIAM (*Corpus Diacrónico del Español de América*), o *Diccionario de mexicanismos* ou as diversas publicações feitas pela Academia nos últimos anos em suas coleções de *Clásicos de la Lengua Española y Lengua y Memoria*.

Uma função importante que a Academia Mexicana de la Lengua cumpre hoje se dá a partir da Comissão de Consultas. Esta representa um jogo de antenas que permite à Academia escutar, registrar, valorizar e orientar as diversas vozes produzidas dia após dia. Um exemplo disso são as respostas relacionadas ao que poderíamos chamar de léxico da pandemia de Covid-19 e as diversas locuções resultantes. A circunstância particular do complexo hoje que vive o mundo afirmou e aperfeiçoou o sentido de responsabilidade que têm os acadêmicos e os diversos colaboradores da corporação. Neste contexto, a Academia Mexicana de la Lengua, sob a direção do Sr. Gonzalo Celorio, trabalhou em uma feliz iniciativa: a de transmitir as leituras estatutárias (Diego Valadés, Javier Garcíadiego, entre outros) e homenagens (a Júlio Torri, Miguel León Portilla) via Facebook com grande sucesso. Essas ações se somam à série de programa de rádio, *Letras y voces*, que a AML vem fazendo com sucesso há anos.

Por outro lado, a Academia Mexicana de la Lengua está ciente de que se encontra inserida em um mundo de intercâmbios e, muito particularmente, de intercâmbios com as

I Encontro da ABL com as Academias da América Latina

outras Academias irmãs. Nesse horizonte se organizou recentemente um encontro de acadêmicos correspondentes, que foi possível graças ao desenvolvimento tecnológico aperfeiçoado pelos novos meios de comunicação. Este Primeiro Encontro de Acadêmicos Correspondentes prefigura um modelo do que podem ser os desenvolvimentos ulteriores da vida acadêmica, tanto quanto o representa este mesmo encontro, patrocinado pela Academia Brasileira das Letras. Nesse sentido, a iniciativa para convocar essa reunião, através de diversas mesas, que darão como resultado a assinatura de uma Carta das Américas, é mais que louvável e digna de agradecimento.



NICARÁGUA

Francisco Arellano Oviedo

Diretor da Academia Nicaragüense de la Lengua

I ENCONTRO DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS COM AS ACADEMIAS DA AMÉRICA LATINA.

Seminário virtual realizado nos dias 7 e 8 de outubro de 2020 intitulado “*A missão das Academias no mundo de hoje*”. O evento foi composto por diversas mesas-redondas com a maioria dos países latinos, em que foram debatidos o papel das Academias no mundo contemporâneo, seus idiomas originais e seu legado cultural.

Francisco Arellano Oviedo

Diretor da Academia Nicaraguense de la Lengua

Nasceu em Granada, Nicarágua, em novembro de 1941. Foi professor universitário, escritor e editor, com vasta experiência nessas áreas. Lecionou História da Língua Espanhola, História da Arte, Latim e Grego. Como escritor, é autor de obras poéticas, teatrais, ensaios e contos. Na *Imprensa Livre* da Guatemala em 1970-1971 manteve a coluna cultural *Cálamo Corrente*; na imprensa literária nicaraguense, manteve, nos anos 2000, a coluna *Nuestra Lengua Viva* e também fundou e dirigiu a revista *Maestro*, cuja tiragem era de 30.000 exemplares, com periodicidade mensal e 51 exemplares publicados em tabloide; também fundou a revista de ciência e tecnologia *Nexo* na Universidade Nacional de Engenharia da Nicarágua; editou mais de 700 títulos nos últimos 20 anos. Entre os livros mais destacados de Francisco Arellano Oviedo estão: *Dicionário do Espanhol da Nicarágua, DEN*; *Entre os piedosos está o diabo* (contos) e *Versos para louvar a nossa Mãe* (setembro de 2020), escritos nos meses mais críticos da pandemia na Nicarágua. Nesta obra, o autor procura unir poesia e oração.

A Academia Nicaragüense de la Lengua tem sua principal referência na Real Academia Española, fundada em 1713-4. Os primeiros acadêmicos, liderados por Dom Juan Manuel Fernández Pacheco, iniciaram suas reuniões no mês de junho de 1713, mas foi em 3 de outubro de 1714 que o Rei Felipe V assinou o certificado real que deu o título de Real Academia Española à mencionada Corporação.

As três primeiras obras da casa fundadora foram: o *Diccionario de la Lengua Española*, feito em seis volumes; o primeiro apareceu em 1726 e o sexto em 1739, estes seis volumes posteriormente foram publicados em três volumes e atualmente são conhecidos como o *Diccionario de autoridades*; a essa obra seguiu-se a *Ortografia*, em 1741, e a terceira obra foi a *Gramática de la Lengua Castellana*, publicada em 1771. Estas obras foram muito importantes porque suas diferentes edições, ao longo de três séculos, permitiram que a norma da língua espanhola fosse conhecida.

Com a independência dos países latino-americanos, a Espanha tentou manter seu principal legado, a língua espanhola, nas nações que haviam sido as antigas colônias do império espanhol que mantiveram o castelhano como língua oficial,

assim, fundou-se, além da casa matriz, 22 Academias, sendo a primeira na Colômbia, em 1871, a segunda no Equador, em 1874, a terceira no México, em 1875, a quarta em El Salvador, em 1876... A da Nicarágua é a décima sétima, fundada em 1928, e a última, vigésima terceira, é a Academia da Guiné Equatorial, África, aprovada no final de 2015.

Por iniciativa do Presidente do México, Dom Miguel Alemán, em 23 de abril de 1951, aniversário da morte de Cervantes, todas as Academias se reuniram no México com o propósito de constituir a Asociación de Academias de la Lengua Española, ASALE, porém os delegados da academia fundadora não puderam comparecer e a Associação foi aprovada no segundo congresso da língua realizado em Madrid, em 1956.

Em 1960, os governos de língua espanhola que possuem Academias de língua espanhola assinam, na Colômbia, através de seus embaixadores, o Convênio Multilateral com a Associação. Este acordo será ratificado em cada país e encaminhado ao Ministério das Relações Exteriores da Espanha, que o registra na Secretaria de Educação das Nações Unidas. Por meio deste convênio multilateral, os governos latino-americanos, da Espanha e Filipinas se comprometem em conceder uma sede digna a sua academia correspondente e a fixar um orçamento adequado para o seu funcionamento.

A Associação de Academias e a Comissão Permanente constituíram um primeiro passo para que as iniciativas e vozes americanas fossem levadas em conta nos órgãos dirigentes de língua espanhola. A partir das publicações de *Ortografía*, em 1998, e da vigésima segunda edição do *Diccionario*

de la Lengua Española, em 2001, as relações das Academias são mais estreitas entre si e com sua Casa fundadora; em todos os trabalhos destas publicações, evidencia-se uma política pan-hispânica que tenta descentralizar a norma da língua, até então reconhecida em Madri e nas principais cidades da península, mas não nos países da América. A partir daí, considera-se como correto o que é utilizado na norma culta dos países americanos e de outras nações, não necessariamente latino-americanas. É então que se fundam as comissões interacadêmicas para a elaboração de todos os trabalhos relacionados com a língua espanhola; assim, foram criadas comissões para a elaboração do *Diccionario Panhispánico de Dudas* (2005), da *Nueva Gramática de la Lengua Española* (2009), do *Diccionario de Americanismos* (2010) e da *Ortografía de la Lengua Española* (2010). O trabalho da Comissão Permanente que funciona em Madri, na mesma sede da Real Academia Española, foi posteriormente sistematizado; também foram considerados os resultados dos congressos realizados a cada quatro anos; e foram fundadas outras coleções de publicações, como as obras comemorativas que vêm sendo editadas sobre os escritores mais relevantes da língua espanhola.

A Academia Nicaragüense de la Lengua trabalha em coordenação com a Real Academia Española e com as academias associadas, mas todas são independentes nas disposições dos Estatutos, na eleição de suas autoridades e na administração de seus próprios recursos. De acordo com o artigo 1.º de seus Estatutos:

I Encontro da ABL com as Academias da América Latina

A Academia Nicaragüense de la Lengua estabelecida com personalidade jurídica e com caráter de corpo consultivo do Governo da Nicarágua por tudo o que diz respeito ao fomento da literatura e da conservação e aperfeiçoamento da língua espanhola pelo decreto de 8 de agosto de 1928, publicada no n.º 179 da Gazeta de 14 de agosto do mesmo ano: é uma instituição sem fins lucrativos, com caráter apartidário, não excludente por razões ideológicas, crenças religiosas ou condição social... tem como finalidade trabalhar pela defesa, unidade, integridade e enriquecimento do idioma, e assegurar para que o crescimento natural deste último continue da mesma forma que o seu desenvolvimento. Prestará especial atenção à evolução do espanhol padrão e do espanhol diferencial...

De acordo com as disposições deste artigo, a Academia Nicaragüense de la Lengua trabalha ativamente pelo espanhol padrão que é falado por 650 milhões de pessoas em todo o mundo, incluindo os Estados Unidos, onde existe uma academia de língua espanhola porque neste país vivem quase 50 milhões de falantes de espanhol. Na Nicarágua também trabalhamos pela linguagem diferencial, aspectos que enriquecem a linguagem com particularidades morfológicas, fonéticas e lexicográficas. Existem o *Diccionario del español de Nicaragua*, *DEN*, o *Atlas lingüístico de Nicaragua/Nivel fonético*, *Las actitudes lingüísticas en Nicaragua* e muitas outras publicações deste campo. Mantemos a revista *Lengua*, que é o órgão oficial da nossa Academia, e o *Repertorio dariano* (matéria de investigação) em homenagem a Rubén Darío, nosso herói cultural.

A missão das Academias no mundo de hoje

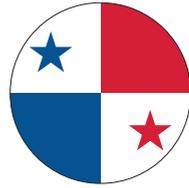
De acordo com as novas tecnologias, sob a coordenação da Real Academia Española e em equipe com as academias associadas, trabalhamos na elaboração de um novo *Diccionario de la lengua española*, concebido on-line a partir de sua fábrica. Da mesma forma, o *Diccionario Panhispánico del Español Jurídico* e o *Diccionario Fraseológico Panhispánico* foram elaborados.

Embora o trabalho das Academias tenha sido louvável em favor da língua comum dos povos hispânicos, é necessário e urgente ler com os olhos bem abertos o que está acontecendo no mundo de hoje. Os descobrimentos mais avançados nas ciências estão mais focalizados na construção de armas de guerra e máquinas sofisticadas aplicadas mais à guerra, que é sinônimo de morte e destruição, do que para libertar o homem da fome, da miséria e da indigência. Teremos que ter muito cuidado com a inteligência artificial que ameaça deixar grandes multidões sem trabalho.

As humanidades não devem desaparecer das carreiras profissionais porque o mundo da competitividade deixa em desleal desvantagem os mais desprotegidos, as pessoas que ainda conservam as florestas e os rios, e são os países mais desenvolvidos que mais poluíram o meio ambiente e exploraram os recursos naturais dos países empobrecidos.

Acadêmicos, como professores, devem ser honrados, não apenas por seus conhecimentos, mas também por seus costumes e práticas de vida, para que possam educar as novas gerações em valores: responsabilidade, honestidade, inclusão, sem distinções ideológicas de classe social ou raça. Um tema que deve ser incluído é a biodiversidade diante da mudança

climática; os acadêmicos, através de seus escritos, conferências e apresentações, devem tornar o mundo consciente do respeito pela vida e do cuidado que devemos ter com nosso planeta. Se os orçamentos para a guerra e a construção das armas da morte fossem usados em favor da vida e da terra, nossa *pachamama*, teríamos outra realidade, um mundo humanizado, e não os pesadelos de dormir com a espada de Dâmocles sobre nossas cabeças.



PANAMÁ

Margarita Vásquez Quirós

Diretora Substituta da Academia Panameña de la Lengua

I ENCONTRO DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS COM AS ACADEMIAS DA AMÉRICA LATINA.

Seminário virtual realizado nos dias 7 e 8 de outubro de 2020 intitulado “*A missão das Academias no mundo de hoje*”. O evento foi composto por diversas mesas-redondas com a maioria dos países latinos, em que foram debatidos o papel das Academias no mundo contemporâneo, seus idiomas originais e seu legado cultural.

Margarita Vásquez Quirós

Diretora Substituta da Academia Panameña de la Lengua

Mestre em Literatura Hispano-Americana e especialista em Literatura do Panamá pela Universidade do Panamá, é professora atuante na Universidade do Panamá, onde foi diretora da Escola de Espanhol, diretora de Cultura, vice-reitora e reitora a cargo da Faculdade de Humanidades. É membro correspondente da Academia Cubana de la Lengua. Suas obras incluem *El habla del panameño* (1980); *Aproximación a la cuestión ortográfica* (1982); *Duplicaciones o el vaivén de la mecedora, acercamiento a un libro de cuentos de Enrique Jaramillo Levi* (1998) e *Historia y ficción en las crónicas llamadas de la conquista* (2000). Ganhou o Prêmio de Ensaio Rodrigo Miró Grimaldo, concedido pela Universidade do Panamá, em 2001, por seu trabalho *Acechanzas a la literatura panameña. Un ensayo con cinco preguntas y una esperanza*.

Traçar um futuro compartilhado

Traçar um futuro compartilhado, a partir da cultura, tem que passar pelo conhecimento dos múltiplos seres humanos que somos os latino-americanos e das nossas sociedades. Para isso, servem a literatura, a linguística, particularmente a lexicologia e a lexicografia, cujo estudo foi adiantado em nossos países, mas que não termina porque as duas áreas (literatura e linguística) ocupam diversos espaços, mundos, culturas, línguas particulares, ciências, artes. Propomos continuar por esse caminho da literatura latino-americana.

Aproveitar essa conjuntura que hoje nos é oferecida é indispensável.

Façamos com que nossos textos literários sejam conhecidos entre nós mesmos. Que transitem entre nossas áreas e nossos países. Falo dos nossos textos de todos os tempos, que permanecem desconhecidos pela juventude, naturalmente generosa, e que façamos comparações para confirmar que somos congruentes. Literatura comparada a partir dos textos ensaísticos, narrativos, poéticos, da dramaturgia para que se acheguem à cinematografia, às belas-artes, às arquiteturas, à música. Uma tarefa como essa nos conduzirá a uma história

I Encontro da ABL com as Academias da América Latina

comum, a uma mesma natureza complexa, heterogênea, vigorosa, bela. E atuemos a partir dos sentimentos individuais e sociais; a partir da reflexão e da criatividade. Parece-me que isso é algo que já estamos alcançando.

Temos que reafirmar as culturas latino-americanas como centros de pensamento em busca da paz, da tolerância, do diálogo e do intercâmbio.

Nada melhor que nos conhecermos para afirmar nossa cultura. Reviver o que sabemos de cada um de nós; o que sentimos com respeito às velhas e novas realidades; o que pensamos com respeito a nossas igualdades e diferenças.

Trabalhemos nisso sem esquecer para quem trabalhamos: para os latino-americanos de todas as latitudes e de todas as idades. Latino-americanos leitores, que saibam apreciar a arte, a cultura internacional e se reconhecer em seus povos, em suas comidas, em sua música, em sua natureza.

Temos, igualmente, que ensinar a ler a literatura. Serve esse momento para conservar o que temos e publicá-lo em todas as redes possíveis. E esse gesto enriquecerá o futuro se pensarmos na juventude que agora mesmo enfrenta as calamidades de 2020 com novos métodos e técnicas de múltiplas origens. Uma chave está em ensinar a ler o ensaio, a poesia, a narrativa da América Latina. (Ontem à noite estive com os peruanos e Ricardo Palma, e me perguntava: Quantos garotos de nossas escolas leram as *Tradiciones peruanas*. Quantos pelo menos pensaram no que é uma tradição e do que se alimenta?)

Acredito, então, que temos que conhecer a literatura latino-americana, compará-la, difundi-la e conseguir que o trabalho

A missão das Academias no mundo de hoje

a ser feito... (Atenção: estamos falando do trabalho duro entre nós, que deve chegar aos professores, aos meios de comunicação, às redes sociais). Desse modo, conseguiremos o que queremos: reunindo-nos, conciliando o trabalho, fugindo da fragmentação, adquirindo velocidade para chegar aonde queremos e preparando os indivíduos para intervir em tudo, assim como fazem agora, mas com conhecimento de causa.



PARAGUAI

José Antonio Moreno Rufinelli

Presidente da Academia Paraguaya de la Lengua Española

I ENCONTRO DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS COM AS ACADEMIAS DA AMÉRICA LATINA.

Seminário virtual realizado nos dias 7 e 8 de outubro de 2020 intitulado “*A missão das Academias no mundo de hoje*”. O evento foi composto por diversas mesas-redondas com a maioria dos países latinos, em que foram debatidos o papel das Academias no mundo contemporâneo, seus idiomas originais e seu legado cultural.

José Antonio Moreno Rufinelli

Presidente da Academia Paraguaya de la Lengua Española

Presidente da Academia Paraguaya de la Lengua Española. Formou-se em Direito, em 1962, na Universidade Nacional de Assunção. Trabalhou como professor de Direito Civil em sua universidade e também na Universidade Católica Nuestra Señora de la Asunción. É professor do Centro de Estudos Constitucionais, do Instituto de Estudos Estratégicos Superiores e da Academia Diplomática do Paraguai. É presidente da Academia Paraguaya de Direito e Ciências Sociais, membro da Sociedade Científica do Paraguai, acadêmico correspondente da Academia Galega de Direito, acadêmico correspondente da Academia de Direito da Nicarágua e acadêmico correspondente da Academia de Direito e Ciências Sociais de Córdoba. Ao longo de sua vida profissional, ocupou, entre outros, os cargos de Presidente da Honrável Câmara dos Deputados, Vice-Presidente do Parlamento Latino-Americano, Presidente do Grupo União Interparlamentar Mundial, Ministro das Relações Exteriores da República do Paraguai, Embaixador do Paraguai perante a República Federativa do Brasil e assessor jurídico do Ministério das Relações Exteriores. Entre suas muitas distinções estão a Ordem Bernardo O'Higgins, Chile (Grande Oficial); Ordem Cruzeiro do Sul, Brasil (Grã-Cruz); a Medalha de Honra do Instituto de Altos Estudos Estratégicos e da Ordem do Papa São Silvestre, concedida pelo Vaticano.

Em primeiro lugar, para mim é um verdadeiro prazer estar nesta reunião e expresso minhas saudações especiais e felicitações ao amigo Marco pela visão de celebrar esta reunião que, ainda que virtual, nos dá a oportunidade de falar sobre os tempos que vivemos.

Sempre me perguntam o que faz a Academia? Qual é sua missão, seus objetivos. E manifesto que cada vez fica mais difícil explicar, porque explicar o óbvio requer condições especiais que, ao que parece, eu careço.

E, se somamos a esta pergunta o que fazemos em tempos de crise, como o que estamos vivendo, o tema torna-se atraente.

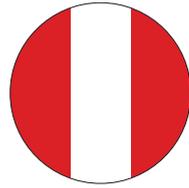
Quanto ao primeiro, devo dizer que a Academia Paraguaya de la Lengua Española tem como objetivo fundamental o cuidado do idioma espanhol e realizar todas as atividades relativas à língua, como a criação literária, a gramática, a linguística e outros afins. É, claro, correspondente da Real Academia Española e colabora com ela em todos os seus empreendimentos que são múltiplos, desde os dicionários até as mais cuidadosas questões relativas ao idioma espanhol.

I Encontro da ABL com as Academias da América Latina

Também nos interessa a divulgação da obra de nossos acadêmicos, que finalmente estão nela pela magnitude de seus aportes às letras de seu país.

Assim, tivemos no Paraguai, como membro de nossa academia, o Augusto Roa Bastos, Prêmio Cervantes e união dos sucessos da literatura hispano-americana.

Ademais, outros ilustres membros que através de sua obra engrandeceram a literatura paraguaia.



PERU

Marco Martos Carrera

Presidente da Academia Peruana de la Lengua

I ENCONTRO DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS COM AS ACADEMIAS DA AMÉRICA LATINA.

Seminário virtual realizado nos dias 7 e 8 de outubro de 2020 intitulado “*A missão das Academias no mundo de hoje*”. O evento foi composto por diversas mesas-redondas com a maioria dos países latinos, em que foram debatidos o papel das Academias no mundo contemporâneo, seus idiomas originais e seu legado cultural.

Marco Martos Carrera

Presidente da Academia Peruana de la Lengua

Doutor em letras com especialização em literatura pela Universidade Nacional Maior de São Marcos em 1974. Decano da Faculdade de Letras de São Marcos durante os períodos 2004-2007 e 2010-2013. Publicou 25 livros de poesia, 18 deles reunidos em *Poesia Junta* (2012). Publicou também *El jazmín y la mandrágora* (2012), uma antologia de suas poesias, *Caligrafía china* (2014), *Laberinto de amor* (2014), *Cabellera de Berenice* (2014), *Máscaras de Roma* (2015), *Musas del celuloide* (2016), *El espíritu de los ríos* (2017) e *El piano negro* (2018). Seus poemas foram traduzidos ao inglês, francês, alemão, português, italiano, grego, húngaro e chinês. Como crítico, publicou *Las palabras de Trilce* (em coedição com Elsa Villanueva, 1988), *Llave de los sueños. Antología poética de la promoción 1945-1950* (1993), *Entre milenio y milenio, en la víspera. Antología del cuento peruano 1950-1997* (1997). Entre outras distinções, recebeu o Prêmio Fomento de la Cultura, área poesia “Jose Santos Chocano” (1969), o prêmio “La Casana 2009” da Universidade Nacional Maior de São Marcos e a Medalha de Lima (18 de janeiro de 2017) outorgada pela Prefeitura Metropolitana de Lima.

A Academia Peruana de la Lengua parabeniza a iniciativa da Academia Brasileira de Letras de convocar os diretores e presidentes das Academias do nosso continente para compartilhar ideias sobre o andamento das nossas instituições em nossos respectivos países. Nossa instituição foi fundada em 1887, por iniciativa de Ricardo Palma, o escritor peruano mais importante do século XIX, e possui duas datas importantes esse ano, 5 de maio, dia em que a Real Academia Española anuncia sua criação, e 30 de agosto, que comemoramos cada ano, celebrando o início do funcionamento da instituição, sob a presidência de Francisco García Calderón y Landa, jurista que havia sido Presidente da República em 1883. Palma, cuja lembrança no Peru é tão intensa quanto a imagem de Joaquim Machado de Assis no Brasil, foi nosso segundo presidente desde 1905 até 1919, ano de seu falecimento.

Há um fato que convém ser recordado em circunstâncias como esta: em 1892, Ricardo Palma foi nomeado pelo governo do Peru para representar nosso país nas festividades que se realizariam na Espanha por ocasião da comemoração do quarto centenário e foi encarregado pela Academia Peruana de la

TRADUÇÃO Ana Carolina Costa de Oliveira, Sabrina Jesus Santos, Mariana Joel Nunes, Carolina Pérez Suárez da Silva e Vitória Sara de Almeida Campos.

Lengua de promover a incorporação, no dicionário da instituição madrilena, de numerosos vocábulos americanos, próprios do espanhol ou do castelhano destas terras. Deve-se lembrar que o plano ideológico, a mentalidade dos acadêmicos espanhóis, até as últimas décadas do século 20, estava intimamente ligado ao lema que aparecia no brasão da instituição: regular, fixar e dar esplendor. Em termos práticos, Palma foi um pioneiro, um linguista intuitivo que sabia, desde então, que os canais pelos quais a linguagem passa são predominantemente orais, sem esperar pela permissão dos dicionários aprendidos, e compreendia que as instituições acadêmicas, para estar em sintonia com os tempos, têm que estar atentas ao que acontece nas ruas, praças e campos onde os falantes estão. Na época em que ocorriam os fatos narrados, Palma tinha 49 anos de idade e conservava a veemência de sua juventude. Assistiu a várias sessões da Real Academia Española, onde se envolveu em discussões com os membros titulares daquela corporação com resultados lamentáveis, já que as palavras que ele propôs foram rejeitadas em bloco. Na península, se pensava que as palavras americanas do castelhano eram provincianismos e que deveriam permanecer assim. Outra é a doutrina que se impôs nos séculos 20 e 21 e vale a pena enfatizá-la em um fórum como este: a linguagem é de todos os falantes e eles são o juiz supremo que decide sobre os usos e costumes em matéria de linguagem. E este saber é moeda corrente nas Academias de Língua que mantêm seu domínio em nossos países, mas elas sabem, melhor do que ninguém, que as imposições não são positivas em matéria de língua, como não são em nenhuma ordem de coisas. As Academias assumiram plenamente os

saberes da linguística, e um dos conceitos básicos utilizados é o dos níveis linguísticos: todas as palavras sem exceção podem ser utilizadas nos contextos adequados. A sanção para quem não o faz é social e não linguística.

Em 1951, aconteceu um evento de grande importância para a vida das Academias da Língua Espanhola e que, por iniciativa do presidente do México, Miguel Alemán, nesse ano foi fundada nesse país a Associação de Academias de Língua Espanhola, que inicialmente não contou com a presença dos acadêmicos espanhóis, por decisão do Francisco Franco, que depois o fizeram com grande coragem e com atitude renovada. Nós, peruanos, nos orgulhamos de que o retrato de Ricardo Palma se mantenha no escritório da Secretaria Geral da Associação de Academias como uma expressão do espírito de unidade que prevalece em todas as nossas instituições. Neste momento existem vinte Academias de Língua Espanhola, entre as quais estão a de Porto Rico, que atualmente é um Estado associado aos Estados Unidos, e a do próprio Estados Unidos, onde o espanhol é a segunda língua em permanente expansão. A essas academias americanas tem que somar a própria Real Academia Española, a Academia de Guiné Ecuatorial e a Academia Filipina de la Lengua. De maneira simbólica, podemos dizer que o espanhol é idioma de três continentes.

Quando os espanhóis chegaram ao continente americano e trouxeram a espada, a cruz e a língua, para falar com palavras semelhantes às do poeta Hernando de Acuña, como é óbvio, não encontraram um continente vazio. Varreram nações, mas não culturas e percepções que permanecem na hibridez, na miscigenação social e linguística.

Assim como o espanhol, agora mesmo duas grandes línguas, o quéchuá e o aimara, com milhões de habitantes, influenciam no castelhano que falamos, assim como acontece em grande proporção com as quarenta línguas faladas na nossa selva. Na região de Madre de Deus, há uma língua que compartilhamos com o Brasil: a “ese eja”. Essa é nossa realidade e nela que vivemos. Uma vez o escritor Roberto Fernandez Retamar escreveu que, nesse contato inicial, o originário americano aprendia a língua peninsular, obrigado pelas circunstâncias, e se expressava com as dificuldades imagináveis, inclusive em um escritor central como Guamán Poma de Ayala, contemporâneo do Inca Garcilaso de la Veja. Foi preciso que se passassem décadas para que mestiços americanos se apropriassem da língua castelhana e escrevessem com solvência e originalidade, como é o caso de Pedro Peralta e Barnuevo, morto em 1743, reitor da Universidade de São Marcos, poeta, dramaturgo, cosmógrafo, matemático, poliglota. Com o tempo, a literatura peruana deu frutos esplêndidos como Mariano Melgar, fino poeta que recupera no espanhol o legado quéchuá, César Vallejo (1890-1938), nosso poeta universal, ou os narradores José María Arguedas, morto em 1969, ou Mario Vargas Llosa, Prêmio Nobel de Literatura em 2010, ou Magda Portal e Blanca Varela, poetisas estupendas. Precisamente, a miscigenação cultural será o tema central do Congresso da Língua Espanhola que será realizado na cidade peruana de Arequipa, com a participação de intelectuais de 23 países e do governo do Peru, a associação de Academias, o Instituto Cervantes e o governo regional da cidade.

A missão das Academias no mundo de hoje

Este permanente encontro cultural foi chamado “*Todas las Sangres*” por José María Arguedas e cada dia assume características inéditas. Faz alguns anos, o poeta Rodolfo Hinostroza se perguntava a razão de ser da cultura peruana, e se respondia: pertencemos ao ocidente, mas somos do extremo ocidente. E essa condição ocidental, distanciada dos centros tradicionais europeus, mistura as heranças mediterrâneas, grega romana, espanhola, árabe, com as culturas originais dos nossos povos. Somos, então, ocidentais andinos e amazônicos.

Este caldeirão cultural tem, em ocasiões, fortes expressões em desacordo com o que está acontecendo. Assim acontece neste poema de Efraín Miranda, com o que dialogamos, para terminar nossa exposição.

*A gramática espanhola cai desde a Europa
sobre meus Andes,
interceptado seu sincretismo idiomático.
Suas grafias e fonemas atacam com os cavalos
de Pizarro.
Minha linguagem resiste, se refugia, a perseguem,
a desmembram.
En tantos séculos de guerra intercultural
todas as batalhas perdemos.
Eles têm todos os elementos ao seu alcance:
seu estado maior na real academia
e seus soldados intelectuais;
os nossos, nada, um aglomerado, passivo
ao modo tupacamaru segundo.
Em minha cabana, caiu a mão perdida do Maneta de Lepanto*

I Encontro da ABL com as Academias da América Latina

*com vidros, ácidos, alfinetes
que contorcem minha língua
e sangram minha boca.*

O livro *Choza* de Efraín Miranda foi publicado em 1978 e causou um profundo impacto na comunidade leitora peruana. O contexto de pandemia mundial, com todos os problemas que herdamos, obriga a todas as sociedades a buscar soluções conjuntas e segue um esboço: primeiro, nós, cidadãos de todas as comunidades, temos que saber que os Estados, acima de todas as considerações, devem privilegiar investir em saúde e educação para levar seu povo adiante. Sem saúde e educação não existe desenvolvimento possível. A Academia Peruana de la Lengua contribui com a Associação de Academias em funções que lhes são específicas, como matérias de gramática, lexicologia, lexicografia e literatura. Por conta da situação que vivemos, temos transformado todas as atividades em virtuais e estamos nos dedicando especialmente a uma relação frutífera com os professores peruanos, oferecendo-lhes palestras, cursos, conferências, onde quer que estejam. Mantemos uma viva relação com o Ministério da Educação e com a comunidade inteira do nosso território. Propiciamos, relacionando-nos com as culturas originárias, uma atitude intercultural que enriqueça os diálogos e nos permita ter um futuro promissor. Muito obrigado.



REPÚBLICA
DOMINICANA

Bruno Rosario Candelier

Diretor da Academia Dominicana de la Lengua

I ENCONTRO DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS COM AS ACADEMIAS DA AMÉRICA LATINA.

Seminário virtual realizado nos dias 7 e 8 de outubro de 2020 intitulado “*A missão das Academias no mundo de hoje*”. O evento foi composto por diversas mesas-redondas com a maioria dos países latinos, em que foram debatidos o papel das Academias no mundo contemporâneo, seus idiomas originais e seu legado cultural.

Bruno Rosario Candelier

Diretor da Academia Dominicana de la Lengua

Diretor da Academia Dominicana de la Lengua, foi criador do interiorismo – movimento literário –, é licenciado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica Madre y Maestra e doutorado em Filologia Hispânica pela Universidade Complutense de Madrid. Obteve diplomas em Jornalismo da New York Broadcasting Pan American; de Filologia Espanhola, pelo Conselho Superior de Investigación Científica de Madrid, e de investigador linguístico e professor de Língua e Literatura, pelo Instituto de Cultura Hispânica de Madrid. É membro correspondente da academia espanhola, norte-americana, filipina e porto-riquenha de língua espanhola. Dirigiu o suplemento cultural *Colloquio* do jornal *El Siglo* e presidiu a Associação Nacional de Críticos Literários da capital dominicana. Por sua obra cultural, linguística e literária, recebeu várias distinções, entre elas o Prêmio do Instituto de Cultura Hispânica de Madri por *Lo popular y lo culto en la poesía dominicana*; o Siboney Essay Prize por *Insular Imagination* (1983); o Prêmio Nacional de Ensaio para as *Tendencias de la novela dominicana* (1988); o *Caonabo de Oro* (1999) da Asociación Dominicana de Escritores y Periodistas. Em 2010, o Estado Dominicano concedeu-lhe a distinção de Bem Cultural da Nação.

Muito boa tarde, senhor Marco Lucchesi. Saudações Daniela Montello. Em primeiro lugar quero agradecer e felicitar, em nome da Academia Dominicana de la Lengua, a direção da Academia Brasileira de Letras pela convocatória deste diálogo com diretores das Academias hispano-americanas. O propósito que vocês perseguem sem dúvida resultará em benefício de nossa cultura, em favor de nossas respectivas línguas, a espanhola e a portuguesa, e, certamente, em favor do desenvolvimento do pensamento e da criatividade. Isso quer dizer, naturalmente, que o que podemos propor aqui tem vários propósitos e possíveis ponderações e efeitos, entre os quais figura a valorização do rol de Academias no seio de cada uma das comunidades de falantes, assim como no estímulo ao estudo da língua e o cultivo das letras.

A Academia Brasileira de Letras, presidida pelo senhor Marco Lucchesi, convocou este encontro centrado, fundamentalmente, no que podem fazer as Academias da língua a favor da sociedade em uma etapa tão dura como a que estamos vivendo pelas condições adversas da pandemia viral.

TRADUÇÃO Ana Carolina Costa de Oliveira, Sabrina Jesus Santos, Mariana Joel Nunes, Carolina Pérez Suárez da Silva, Vitória Sara de Almeida Campos e Gabriele Dallale Parmera.

Desde que foram fundadas as Academias da língua em nosso mundo hispânico, essas valiosas instituições têm uma função específica com relação à defesa do idioma, ao estudo da palavra e ao cultivo das letras. Sua ação é uma ponte de comunicação com o mundo, já que a língua é uma grande janela para a cultura, porque não só conhecemos e falamos, como também pensamos, escrevemos, sentimos e criamos mediante a palavra. E através da criação literária, que é a expressão estética da linguagem e o canal privilegiado da criatividade desde a palavra, e da profundidade transcendente desde a criação teopoética, pois os povos em geral e os falantes em particular têm a oportunidade de contar com a contribuição de seus intelectuais, pensadores e poetas, que se tornam automaticamente porta-vozes de seu povo, da sua terra e da sua cultura, enquanto canalizam as manifestações socio-culturais, enquanto formalizam suas intuições e vivências, e enquanto dão testemunho do que realmente os motiva e inspira em determinadas circunstâncias de época, como a que estamos vivendo nesta etapa de duro confinamento e forte restrição econômica e social.

Nessas circunstâncias adversas, todos vivemos um momento histórico, terrível e arriscado, devido a uma pandemia viral impiedosa, que está afetando o desenvolvimento normal da humanidade, não só com a morte, aniquiladora e terrível, mas também com a mudança de estilo de vida, que nos restringe a relação social. Todos tivemos que nos recolher em nossas casas. Todos tivemos que modificar nosso hábito de trabalho, vivência e comunicação. E todos experimentamos momentos duros de medo, tensão e ansiedade.

Esta pandemia, desde já, enalteceu e privilegiou a comunicação telemática em função da nova realidade que tivemos que viver, porque não há somente as conferências virtuais, mas também há ensino virtual e comunicação mediante áudios, ou gravações de vídeos ou o uso frequente de e-mails e mensagens pelo Whatsapp, Instagram e Facebook. Então, as instituições culturais e as Academias têm também que utilizar as redes sociais e a plataforma de tecnologia eletrônica para nos colocar em comunicação com o nosso público, com nossos colegas, amigos e relações, através das instituições linguísticas, literárias, docentes e culturais, e também com a realidade social. De alguma maneira, esta nova vertente da realidade está modificando o estilo de vida e, sobretudo, a função que devemos realizar, mas que deve ser mantida com métodos diferentes de comunicação, ação e criação.

As funções acadêmicas das quais falava o distinguido diretor da Academia Nicaragüense de la Lengua, Dom Francisco Arellano, ao comentar o rol das Academias – funções que todas as Academias no mundo compartilham –, são ações e realizações que devemos seguir projetando em nossa comunidade através dos meios virtuais. Essa é uma dimensão que antes não se contemplava tanto como agora, porque em nossas Academias realizamos atividades com a participação presencial do público, mas agora não podemos fazer esse tipo de convocatória: de fato, estão fechados nossos locais e, neste momento, não celebramos atividades com participação presencial, então, necessariamente, temos que organizar atividades com mediação virtual e isso, de alguma maneira, modifica o procedimento tradicional, a metodologia que

seguíamos anteriormente e que devemos variar agora com o procedimento telemático.

Este encontro virtual que você, Dom Marco, acaba de formalizar, esta convocatória eletrônica das Academias da Língua e das Letras, sem dúvida, é um grande exemplo e uma grande iniciativa da sua parte, e eu não tenho dúvidas de que será em benefício de nossa cultura e que nós, os acadêmicos, devemos aproveitar esta conjuntura e continuar nosso trabalho a favor de nossa língua e nossas letras. Até agora publicamos livros em formato físico, mas já teremos que adotar a publicação de livros eletrônicos. Até agora tínhamos organizado colóquios, encontros, conferências, workshops, com a participação presencial, física, das pessoas. Agora devemos seguir fazendo essas atividades mediante os recursos eletrônicos, e eu acho, desde o trabalho que realizamos e promovemos em nome da nossa Academia com o apoio de nossos colegas, que estamos convencidos de que temos que enfatizar a dimensão estética e espiritual da palavra para estimular a criação literária.

A criação literária tem na literatura espanhola uma linda e fecunda tradição mística, que obteve o seu nível de excelência na obra poética de São João da Cruz e de Santa Teresa de Jesus. Portanto, a dimensão mística da palavra é uma projeção que, desde a existência dos pensadores pré-socráticos da antiga Grécia a intuição do Logos da consciência teve uma grande recepção e uma grande participação em função do que a palavra inspira e gera. Aquele conceito luminoso que Heráclito de Éfeso intuiu originalmente, quando advertiu que o ser humano possui um dom espiritual único

A missão das Academias no mundo de hoje

que se manifesta na palavra, por meio do qual canalizamos nossa capacidade de pensar, intuir, falar e criar. E então, com base nessas atribuições é que todos os seres humanos contam com o poder da criatividade é algo belíssimo que nos enaltece como criaturas divinas, porque somos uma emanção da Divindade e, em tal virtude, então, somos chamados para enaltecer a função da consciência e potenciar a função da sensibilidade à luz dos altos ideais do espírito, que nos permite ser seres humanos melhores, para que possamos cumprir a missão que cada um, desde a sua própria circunstância e condição, pode realizar em benefício de seus semelhantes. Essa é uma função que também está ao alcance das academias da língua para fazer do nosso mundo um espaço que seja criativo, grato, edificante, proveitoso e luminoso.

Muito obrigado a você, Dom Marco Lucchesi, por essa convocatória e que Deus continue abençoando a todos.



URUGUAI

Wilfredo Penco

Presidente da Academia Nacional de Letras do Uruguai

I ENCONTRO DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS COM AS ACADEMIAS DA AMÉRICA LATINA.

Seminário virtual realizado nos dias 7 e 8 de outubro de 2020 intitulado “*A missão das Academias no mundo de hoje*”. O evento foi composto por diversas mesas-redondas com a maioria dos países latinos, em que foram debatidos o papel das Academias no mundo contemporâneo, seus idiomas originais e seu legado cultural.

Wilfredo Penco

Presidente da Academia Nacional de Letras do Uruguai

Doutor em Direito e Ciências Sociais, ensaísta e crítico literário, com especialização em literatura uruguaia e latino-americana. Entre outros cargos políticos, ele atuou como ministro da Corte Eleitoral do Uruguai desde 1996 e como observador internacional e chefe de missão em eleições nacionais, municipais e partidárias internas em vários países da América Latina. Além disso, tem sido um dos promotores da mais recente jurisprudência uruguaia sobre registro cívico e coautor das últimas reformas eleitorais do país. Membro do júri em concursos nacionais e internacionais de literatura, lecionou em universidades e centros de estudos na América Latina, América do Norte e Europa. É diretor honorário da Coleção de Clássicos do Uruguai (Biblioteca Artigas) e cofundador, no México, do Comitê de Cultura da União das Capitais Ibero-americanas (1990). Entre suas publicações destacam-se: *José Enrique Rodó. Las parábolas de "Motivos de Proteo"* (1978); *Diccionario de literatura uruguaya* (coord., 1987), pelo qual recebeu o Prêmio Bartolomé Hidalgo; *Compromiso y generosidad del bibliófilo* (2001); *Juan Carlos Sábat Pebet, a los cien años* (2003), e *Marosa en el recuerdo* (2006).

Um caminho de abertura, proximidade e esperança

Quero começar agradecendo ao meu amigo, o professor Marco Lucchesi, poeta e presidente da Academia Brasileira de Letras, seu amável convite para participar deste encontro sobre a missão das Academias no mundo de hoje.

Aceitei com muito prazer expor a esse propósito não só como adesão a uma iniciativa fervorosa que convoca ao diálogo e aposta no intercâmbio fecundo em um espaço de reflexão coletiva, com critério plural e afã de construção, como também pelas consequências a que poderia dar lugar o mesmo trabalho em comum.

O trabalho de proximidade entre instituições que compartilham laços históricos ou fronteiras comunitárias projeta-se sobre os respectivos contextos sociais e põe em evidência, como signos emblemáticos, entre outros: a existência de línguas entrecruzadas, infiltradas reciprocamente e sem pedir autorização, e a sintonia de literaturas produzidas em sua simultaneidade, em seu olhar sobre o mundo, que não deixa de ser único, mesmo com as suas variantes.

Tudo indica, nessa perspectiva, que nossos povos conformam uma aliança profunda que pode carecer de protocolos, mas reflete similaridades e aprendizagem assimilada, tanto nos comportamentos mais simples quanto nas maiores complexidades de sua trajetória. Para sobreviver a competências de conjuntura ou a confrontos ancestrais, o desenvolvimento histórico dá conta de memórias enraizadas que acabam dando lugar a retificações processadas para o futuro.

Neste marco, as Academias, como instituições representativas da atividade social, e particularmente da cultural, em seu âmbito específico, deveriam assumir como missão aquilo que corresponde ao cumprimento das tarefas para as quais foram criadas, mas sempre com as adaptações necessárias que seus integrantes reivindicam o tempo e o espaço que em cada caso atravessam e lhes tocou viver.

Das vinte e três corporações que hoje formam a *Asociación de Academias de la Lengua Española* (Asale), a uruguaia é uma das mais jovens. Como é sabido, depois da fundação da Real Academia Espanhola em 1713, a criação das oito seguintes fora da Península Ibérica, a primeira das quais foi a colombiana, teve que esperar pelo século XIX (o mesmo século que, em seus momentos finais, viu também o nascimento da Academia Brasileira de Letras). Outras oito academias (nove se contarmos com a argentina, que foi ficando pelo caminho nessa instância para reinstalar-se de outro modo tempos depois) conseguiram se constituir nas duas primeiras décadas do século XX.

Embora, em 1923, tenha-se tentado conformar também a do Uruguai, com ilustres acadêmicos correspondentes

encabeçados pelo poeta mais relevante do romanticismo local, Juan Zorrilla de San Martín, o projeto frustrou-se por diversas circunstâncias, que causariam a demora do reconhecimento institucional e o funcionamento corporativo, em condições fundamentais de outro tipo, por mais vinte anos.

Finalmente nasceu a *Academia Nacional de Letras del Uruguay*, mas, diferentemente das outras do continente americano, não como correspondente da espanhola, e sim como uma instituição pública nacional, estabelecida por norma jurídica – decreto-lei – do Estado uruguaio. Com certas ambiguidades e possíveis contradições em sua natureza, não houve dúvidas, contudo, de seu caráter oficial, e com a aprovação do estatuto e a eleição complementar dos acadêmicos por parte dos fundadores designados, a instituição se pôs em marcha.

Não é motivo dessa intervenção repassar essa etapa fundamental nem os anos que seguiram com sucessivas integrações, ajustes de funcionamento, precisão em seus objetivos e inserções sociais, ou em sua relação articuladora com os governos dos país (incluído o período da última ditadura, sofrida entre 1973 e 1985). Também não irei me deter mais que o imprescindível nos vínculos e projetos que envolvem a Academia Nacional de Letras no seio da *Asociación de Academias de Lengua Española*, nem sequer nas iniciativas e contribuições que promovera em reuniões e congressos internacionais neste âmbito, ou no mais imediato da região rio-platense, ainda que, sem dúvidas, elas façam parte da sua missão contemporânea.

Interessa-me, no entanto, destacar sobretudo os objetivos e tarefas vigentes que seus atuais estatutos registram e

oferecê-los numa leitura que necessariamente deve ser contextualizada com sentido estratégico.

A Academia Uruguiaia, como estabelecem as normas que a regulam, “goza da mais ampla autonomia técnica e intelectual para o cumprimento de seus fins fundamentais de velar pela conservação e enriquecimento da língua espanhola na República Oriental do Uruguai, e de contribuir, no que for pertinente, com o desenvolvimento e a difusão da cultura nacional”. A tais efeitos, se estabeleceram como tarefas prioritárias e permanentes: “a) Procurar e fomentar o uso adequado da língua. b) Contribuir com a definição de uma política linguística nacional. c) Realizar e fomentar pesquisas idiomáticas e, em particular, estudos léxicos e gramaticais relativos tanto ao idioma espanhol no geral quanto ao espanhol do Uruguai. d) Estimular e difundir a criação e a pesquisa literárias em todas as suas manifestações. e) Assessorar os organismos públicos e privados ou os particulares que solicitem sua opinião nas disciplinas estabelecidas (...) (precedentemente). f) Colaborar com o sistema educativo nacional. g) Manter vínculos estreitos com a *Real Academia Española de la Lengua* e com a sua comissão permanente.”

Estas tarefas estão ligadas e coincidem com o que proclama a própria Associação de Academias como “fim essencial”, isto é: “trabalhar a favor da unidade, integridade e crescimento da língua espanhola que constitui o mais rico patrimônio comum da comunidade hispânica”. Para isso, surge o desenvolvimento de “uma política linguística pan-hispânica, que implica a participação real e efetiva de todas as Academias associadas nas obras que, como o dicionário, a gramática e

a ortografia, sustentam e expressam a unidade da língua”. Essa ação comum fica definida em um âmbito a partir do qual deve-se fomentar pesquisas filológicas, linguísticas e literárias, impulsionar publicações e promover atividades que contribuam para o seu fim básico.

Toda este importante, variado e complexo labor assumiu um ritmo muito intenso e múltiplas concreções, sobretudo nos últimos quinze anos. Alcançou, assim mesmo, alguns dos mais altos níveis de desenvolvimento e repercussão no VIII Congresso Internacional da Língua Espanhola acontecido na cidade de Córdoba (República Argentina) em março de 2019 e no XVI Congresso de Academias realizado em Sevilha (Espanha) em novembro do mesmo ano.

Mas este 2020, que já anuncia o seu próximo fim, forçou desde o início a uma inflexão inesperada e dolorosa pela surpresa e trauma da experiência que a humanidade ainda sofre e, por via das dúvidas, pela incerteza que seu desfecho guarda. Um vírus persistente e contagioso de velocidade quase incontável, uma epidemia que rapidamente se transformou em pandemia, que incendiou o final da segunda década do século 21, atingindo destinos e determinando mudanças forçadas e até radicais nas relações, costumes e modos de vida.

Apesar do grande desafio, continuamos na luta, não desistimos de continuar as tarefas com as quais nos comprometemos pessoal e institucionalmente, porque essa continuidade implica a confirmação de um sentido de existência tanto no individual, quanto no coletivo.

Conscientes da encruzilhada em que nos encontramos, é quase obrigatório encorajar uma disposição construtiva,

ponderada e sem preconceito, critérios pragmáticos e capacidade de adaptação a novas realidades, o reconhecimento das mudanças que a pandemia trouxe consigo nos mais diversos planos, projetados no presente e no futuro.

A missão das Academias nestas circunstâncias corresponde, em primeiro lugar, a não interromper e perseverar no que é uma linha de trabalho aberta e plural, definida pela tradição e ao mesmo tempo pelo profissionalismo, sistematicidade e desenvolvimento científico nas suas especialidades.

O recente encontro virtual de diretores e presidentes de Academias-membros da Asale, na semana passada, corrobora tal propósito com a preparação de congressos internacionais, programas de bolsas, cursos e edições, novas iniciativas de corpus e coleções, antologias, gramáticas, dicionários, jornadas de estudo, pesquisa, ensino e divulgação em literatura e língua.

Mas, sem deixar de atender ao que é próprio da sua tarefa imediata, as Academias não podem prescindir das lições que estes tempos nos deixam. Trata-se de lições que se referem aos valores humanos em jogo, aos questionamentos sobre confinamentos e parcelas excludentes, a reconfigurações, desafios transcendentais e sem provável reversão.

O confinamento, as limitações ao contato físico entre familiares, companheiros, amigos ou vizinhos, os pedestres mascarados já irreconhecíveis quando andam pelas ruas e até as convenientes medidas higiênicas levadas inclusive ao exagero, o controle de entradas e saídas quando se trata de espaços fechados e as graves consequências que geram aglomerações massivas, os recintos sanitários onde se assume riscos à flor da pele: toda a paisagem da convivência tem

sofrido alterações que talvez apenas algum praticante de ficção científica poderia ter imaginado há muito tempo.

Por enquanto, este diálogo promovido pela Academia Brasileira de Letras é um caminho de abertura, de aproximação, de esperança, de soma para a reflexão que merecemos e requeremos, de cara à realidade. Como diz a mensagem de convocação, trata-se definitivamente de uma aposta na solidariedade, paz, saúde, cultura, na construção de um “mosaico luminoso e plural”.

Por isso estamos hoje aqui – nesta tribuna que nos é oferecida – acompanhando o seu presidente, Marco Lucchesi, no cumprimento de uma missão fundamental das Academias, hoje e sempre: o apoio, como atributos insubstituíveis, à inteligência e à sensibilidade.

Aqui estamos, ainda em meio às incursões que poderiam ser paradoxais embora finalmente não sejam: com uma máscara à mão, mas não para encobrir as palavras que queremos que continuem saindo sonoras e solidárias de nossa boca, construtoras de coincidências estratégicas e auspiciosa amizade; e com a distância que impõe a virtualidade deste encontro, o que não impede estreitarmos em um cordial abraço e, ainda que remoto, muito conveniente por isso mesmo, nestes difíceis tempos que já irão passar.



VENEZUELA

Horacio Biord Castillo

Presidente da la Academia Venezolana de la Lengua

I ENCONTRO DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS COM AS ACADEMIAS DA AMÉRICA LATINA.

Seminário virtual realizado nos dias 7 e 8 de outubro de 2020 intitulado “*A missão das Academias no mundo de hoje*”. O evento foi composto por diversas mesas-redondas com a maioria dos países latinos, em que foram debatidos o papel das Academias no mundo contemporâneo, seus idiomas originais e seu legado cultural.

Horacio Biord Castillo

Presidente da la Academia Venezolana de la Lengua

Bacharel em Artes (UCAB, 1984). Mestre em História das Américas (UCAB, 1995). Doutor em História (UCAB, 2002). Pesquisador associado e chefe do Centro de Antropologia do Instituto Venezuelano de Pesquisa Científica. Professor Associado da Universidade Católica Andrés Bello (UCAB). Membro efetivo e primeiro vice-diretor da Academia de História do Estado de Miranda (letra de cadeira R). Entre 1995 e 2002 atuou como Chefe da Divisão de Serviços Técnicos da antiga Diretoria de Assuntos Indígenas do Ministério da Educação. Entre suas obra publicadas: *Aborígenes de la región centro-norte de Venezuela (1550-1600): una ponderación etnográfica de la obra de José de Oviedo y Baños*. Caracas, Universidad Católica Andrés Bello, 2001; *Niebla en las sierras: los aborígenes de la región centro-norte de Venezuela. 1550-1625*. Caracas, Academia Nacional de la Historia, 2005 (Biblioteca de la ANH, Serie Fuentes para la Historia Colonial de Venezuela, 258); *Quaderno de Brasilia*. Caracas, Ediciones Grupo TEI, 2014. Publicou inúmeros artigos e capítulos em revistas e livros especializados. Prêmio Municipal de Literatura, mención Estudios Indígenas, 1995.

Apoiando a tradição: um novo tempo para as Academias de Língua e Letras

Introdução

O imaginário social de muitos países e sociedades vinculadas à chamada “civilização ocidental” começou a registrar uma crescente representação do século XXI, não só como outro século no cálculo dos anos, e sim como um *novo tempo*. Entre outros anseios, este novo tempo seria uma época propícia para redefinir diversos assuntos e aspectos sociais, modelos de organização e interação, crenças e instituições. Este contexto resulta adequado para avaliar, repensar e reexaminar os papéis institucionais das Academias, tanto nas sociedades nacionais, em que estão inseridas, como no contexto global e no espaço simbólico, mas também ideológico, que geram as relações com instituições similares.

Este ensaio constitui uma reflexão sobre o papel das Academias no século XXI. A reflexão, a partir do caso venezuelano, se concentra nas Academias de língua e letras, com especial ênfase nas Academias que formam parte da Asociación de Academias de la Lengua Española (ASALE) e seu padrão de língua portuguesa. Em um mundo cada vez mais globalizado, as identidades particulares, regionais

e locais experimentam adaptações (Biord Castillo, 2014a). Ante tendências opostas em direção à homogeneidade e a heterogeneidade, emergem fenômenos e desafios de caráter geopolítico que envolvem aspectos socioculturais, linguísticos e artísticos em suas mais amplas acepções. Neste contexto, desde uma perspectiva, não só pan-hispânica e latino-americana, e sim transiberoamericana (Biord Castillo, 2014b), se realiza um olhar aos desafios das Academias como identidades chamadas a contribuir na consolidação de um espaço com múltiplas, diversas culturas e línguas e uma síntese pan-ibérica não excludente da diversidade e a plena inclusão como valores inerentes e que ao mesmo tempo fortaleçam o ideal ibero-americano fundamentado nessas premissas da pluralidade (Biord Castillo, 2015).

Antecedentes das Academias

A Academia Francesa surge em 1635 e a Real Academia Española em 1713, no contexto de crescente curiosidade intelectual do Racionalismo e da Ilustração. A abertura em direção à investigação e à divulgação dos resultados de derubar indagações se viam logo impulsadas pelo Enciclopedismo e a possibilidade de publicar livros e revistas. Ambas as corporações tiveram como uma de suas finalidades fundamentais a normalização linguística. A ideia de “limpa, fixa e do esplendor”, o lema da Real Academia Española, dá conta dessa atitude relacionada não só com a descrição, e sim com a correção linguística. Ao mesmo tempo que não demoraram a surgir percepções pejorativas sobre as Academias

expressadas nas críticas ao seu caráter conservador. A visão de “grandeza” da língua, baseada na correção, permitia chegar facilmente ao purismo. Apesar de não se opor ao avanço dos conhecimentos, as Academias adotaram uma atitude muito rígida sobre a forma como se devia proceder quanto ao apego às normas e à correção. A hipercorreção dava a impressão de uma tendência em direção à fossilização.

Na América Latina, a maior parte das Academias de língua, como instituições correspondentes, por sua vez, da Real Academia Española, no caso das hispano-americanas, foram fundadas no século XIX e algumas nas primeiras décadas do século XX. A estrutura e funcionamento seguiram sendo, em grande parte, do século XIX ainda que algumas das corporações tentassem se atualizar nas últimas décadas. O protocolo de muitas delas e os tratamentos internos recordam usos antiquados e arcaicos. No entanto, e isso é interessante ressaltar, grande parte desta etiqueta, ainda que pareça paradoxo, renova a tradição, a faz evidente e, portanto, alimenta a legitimação de saberes.

Na conjuntura atual, as Academias estão comprometidas com sua atualização e adequação às novas realidades. Um exemplo eloquente é o empenho da Asociación de Academias de la Lengua Española de promover projetos pan-hispânicos com a ativa participação de todas as Academias associadas. Tais projetos partem da aceitação do caráter policêntrico do idioma, da geração e do reconhecimento de normas de uso e a corresponsabilidade da elaboração dos instrumentos descritivos da língua (ortografia, gramática, dicionário etc.), além do feito incontestável que a maior parte

dos falantes de espanhol é hispano-americana. Isso ilustra a conveniência de constituir redes e alianças corporativas e de consolidar o trabalho mancomunado como prática não só desejável, e sim habitual.

Ideologias geopolíticas, tecnologias e instituições do novo tempo

Destacam-se três aspectos do novo tempo: a situação geopolítica, o desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação e, finalmente, o crescimento acadêmico e institucional como fatores importantes de considerar para ponderar as novas funções das Academias.

Ideologia e situação geopolítica

Entre as características mais ressaltantes deste novo tempo se destaca a crescente interconexão do planeta, mais que integração propriamente dita, graças às facilidades derivadas das novas tecnologias da informação. A aldeia global da previsão macluhiana resulta cada vez mais evidente. Entretanto, ainda não terminamos de precisar ou, talvez, de conscientizar as características dessa aldeia globalizada. Como um límpido espelho, contrariamente ao que se poderia pensar, essa “aldeia” não corrige ou retoca, mas sim reproduz, ainda que com os reflexos de onde se contemple e as lentes com que se olhe, a mesma sinuosidade e as anfractuosidades do mundo que a conforma, um mundo estremecido pelas tensões entre Norte e Sul estruturais. Em outras palavras, distante de

constituir uma aldeia povoada por aldeões com uma relativa simetria socioeconômica e cultural, com os mesmos direitos e deveres, assemelha-se mais a uma complexa megalópole com centros e periferia, inclusões e exclusões, miséria e opulência, bairros residenciais, subúrbios pobres e desconectados, além de cidade satélite e dormitório.

A globalização reproduziu as condições de desigualdade que a precederam e geraram, ainda que com as vantagens e atenuantes derivadas da comunicação mais efetiva e imediata, a simultaneidade e o reino da imagem e do som. Estas novas tecnologias da informação e comunicação permitiram que a aldeia global se converta em uma espécie de território propício para as comunicações diretas (cara a cara) e que se produza uma reorientação do mundo quando a palavra escrita havia substituído a supremacia da oral.

Fica pendente o sonho, talvez utopia, de que a mundialização seja seguida e aperfeiçoada por uma verdadeira universalização. Esta contribuiria a que, mediante uma forma nova de relativismo cultural, se tenda a valorizar de maneira paritária, ou relativamente paritária, a todas as sociedades e culturas humanas.

Trata-se de evitar que uma ideologia globalizadora pretenda impor modelos únicos em todos os campos da vida humana; ou seja, de pôr um muro de contenção às tendências homogeneizadoras como uma maneira de resguardar a sociodiversidade e o que ela implica (diversidade cultural e linguística, manejo mais apropriado e aproveitamento mais extensivo da biodiversidade em contraposição ao uso intensivo esgotador de recursos).

Este ponto é extremamente sensível e relevante. As ideologias subjacentes à homogeneização tendem a estabelecer um fenômeno de exclusão e discriminação suscetível de analisar-se mediante a uma dupla articulação:

1. A primeira articulação é de estilo sintagmático, ou seja, ocorre em um nível que se pode descrever como intracivilizatório. Um exemplo poderia ser entre países do Norte e do Sul com cultura ocidental dominante, centro e periferias.
2. A segunda articulação é de estilo paradigmático, ou seja, ocorre em um nível extracivilizatório. Pode ocorrer entre países do Norte e Sul ou dentro de um mesmo país, mas entre, por uma parte, setores majoritários ou dominantes e, por outra, grupos subalternos ou minorias.

As sociedades falantes de espanhol e lusófonas têm sido objeto da primeira articulação discriminatória e, dentro de suas próprias fronteiras e isoglossas socioculturais, têm exercido com frequência a segunda articulação com os grupos minoritários, sejam povos indígenas, grupos afrodescendentes ou minorias, assim como, na Espanha, culturas e idiomas regionais.

Não é menos relevante precisar a existência de ideologias (políticas, culturais, linguísticas, raciais, entre outras) que estão submetidas às exclusões. Uns as justificam e outros, de maneira sutil, criam as condições para que isso ocorra. Estas ideologias com frequência se unem às condições de crescente empobrecimento dos países do Sul, setores sociais e minorias regionais ou étnicas que habitam ali. Trata-se de um complexo processo em que, às vezes, de forma consciente ou parcialmente

consciente, podem intervir diversas variáveis como desejos de superação acadêmica, submissão ideológica ou desesperada situação socioeconômica, entre outras muitas.¹

Estas ideologias não só terminam reforçando os mecanismos de dupla articulação da exclusão, mas também, na prática, atuam de maneira perversa como uma drenagem ou exposição dos recursos dos países do Sul.²

Desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação

As tecnologias da informação e da comunicação alcançaram um alto grau de aperfeiçoamento nas últimas quatro décadas. Desde então, costuma-se insistir em diferenças perceptíveis entre as pessoas analógicas e digitais para aludir sua familiarização com as novas tecnologias. Foi-se, inclusive, mais além

¹ Um exemplo disso são os desejos de superação, um tanto difusos, mas muito fortes, que acompanham os migrantes pobres, em especial centro-americanos e mexicanos que, apesar de tanta dificuldade, tentam por todos os meios chegar aos Estados Unidos para ver cumpridos os seus sonhos de realização pessoal e familiar. Estão conscientes da impossibilidade ou, ao menos, extrema dificuldade de alcançá-los em seus próprios países pelas escassas condições laborais, econômicas e inclusive de discriminação social que, paradoxalmente, potencializam-se em países do Norte estrutural.

² Com não pouca frequência, em virtude das ideologias soterradas ou do que se pode chamar de currículo oculto (conteúdo que se infiltra, de maneira inadvertida, nos processos educativos), as universidades de países do Sul estimulam desde cedo em seus estudantes o desejo de migrar. Ainda que se trate de um processo em que intervêm muitas variáveis associadas à pobreza, à falta de oportunidades laborais reais, ao mesmo tempo que dignas e não poucas vezes de caráter político ou exclusões do tipo da segunda articulação descrita ou de intolerância (entre outras, fenotípicas, étnicas, religiosas, de gênero ou orientação sexual), o fenômeno da “fuga de cérebros” e de migração de mão de obra qualificada constitui um empobrecimento para os países do Sul e um grande desafio é evitá-los, não com meras proibições ou obstáculos migratórios, mas com a criação de oportunidades e superação de exclusões sociais de qualquer tipo.

ao falar de *nativos digitais* e *imigrantes digitais* para distinguir quem nasceu e cresceu manipulando tecnologias digitais em distintos aspectos da sua vida cotidiana de quem se viu compelido a familiarizar-se com este uso para superar tecnologias obsoletas de pouco rendimento e, em consequência, ficar relegado aos requisitos de conexão e produtividade.

Agora bem, as ferramentas tecnológicas têm um custo que limitam seu acesso ao se tratar de um produto que, como tal, requer investimento para sua produção e comercialização³. Consequentemente, este acesso se vê influenciado por divisões tecnoeconômicas internacionais, como a oposição Norte-Sul. Os países com maiores níveis de vida têm também um melhor acesso à tecnologia. Inclusive as cidadanias e os deslocamentos simbólicos enquadram esse acesso diferencial às bondades tecnológicas e sua contínua atualização. O mundo virtual guarda em suas intrincadas avenidas, praças e becos, em seus castelos, casas e abrigos as mesmas irregularidades da realidade empírica do mundo real.

Crescimento acadêmico e institucional

O século XX constituiu um amplo crescimento para as universidades e a pesquisa, tanto nos centros universitários como nos institutos especializados. No âmbito pan-hispânico e lusófono, na segunda metade do século XX se renovaram e fortaleceram antigas instituições ao mesmo tempo em

³ O software livre foi uma tentativa de baratear os custos e facilitar o acesso aos programas; no entanto, não alcançou nem a sofisticação dos programas privados, nem uma verdadeira popularização. Adicionalmente, o hardware e os serviços técnicos com frequência alcançam altos preços.

que surgiam, cresciam e se consolidavam outras novas. Esta tendência se acelerou a partir da década de 1950.

Estes processos de consolidação institucional têm uma especial implicação para as Academias, pois, em muitos casos, deixaram de ser centros de produção de conhecimento, como inicialmente foram concebidas, para se converter em corporações legitimadoras do conhecimento, reconhecedoras de trajetórias, conquistas e instâncias privilegiadas para apoiar e empreender ações de divulgação do mais alto nível com reconhecidos critérios de autoridade. Em outras palavras, as Academias não geram os conhecimentos, mas sim os validam e, de certa maneira, “autorizam”.

Nova visão das Academias

Nas últimas décadas, surgiram fenômenos socioeconômicos com grandes implicações socioculturais, linguísticas e comunicacionais. Esses fenômenos, ligados às novas tecnologias da informação e da comunicação, ocorrem tanto no plano empírico como no virtual, e sua dupla ocorrência ocasiona que ambos os planos se sobreponham e influenciem de maneira recíproca.

Um exemplo dentro da chamada realidade virtual que influencia na empírica são as cidadanias e os deslocamentos simbólicos, assim como a aparição de extensas comunidades não localizadas mas conectadas através das novas tecnologias. Por sua vez, o feito de que as pessoas possam abrir um canal de emissão de vídeos mediante a uma simples (e simples) conexão à rede anuncia novos espaços e formas de comunicação. Por sua parte, a possibilidade de criar, com poucos

recursos, sites, nos permite esperar, primeiro, complexas possibilidades de interação; segundo, uma proliferação de novos gêneros expressivos, muitos dos quais já começaram a aparecer ligados ao cinema e à televisão; terceiro, um crescente caráter transgenérico.

Os espaços virtuais ou não, mas inspirados e em parte regidos pela virtualidade, começam a gerar tanto forças centrífugas como centrípetas. Essas forças alternam ou inclusive combinam sua inclinação às identidades globais onipresentes ou à reafirmação de vínculos e identidades particulares que encontram no virtual vias de mais ampla difusão. Não se pode contornar, sem embargo, o fato de que tudo isso ocorre em um contexto assimétrico, em que determinados grupos de coerção exercem pressões e lideram distintos âmbitos da vida social e controlam, por sua vez, recursos culturais, assim como uns segmentos sociais têm melhores e maiores possibilidades de acesso à tecnologia e sua permanente atualização. Entre esses grupos de coerção, cabe distinguir (i) os socioeconômicos como os Estados; (ii) os tecnoeconômicos como as empresas; e (iii) os organizacionais como instituições e igrejas.

Os grupos de coerção têm diversos interesses (políticos, geopolíticos, econômicos ou elitistas), possuem ideologias próprias e em si mesmos constituem entidades competitivas frente a outras estruturalmente similares (um Estado contra outro, uma empresa frente à outra, uma organização ou igreja frente à outra). Sua ativa e até agressiva contraposição pode resultar avassaladora e de um grande risco para os sujeitos, os desprevenidos ou os subalternos.

Essas características derivadas da mundialização das esferas de interação, combinadas com o desenvolvimento das novas tecnologias e o crescimento acadêmico e institucional dos centros de pesquisa, fazem ainda mais clara a ideia dos imperativos geopolíticos que temos discutido na seção anterior.

O contexto mundial mostra tendências em vias de consolidação e outras ainda emergentes, mas que puderam, ou instalar-se bem, ou gerar novos processos à luz do que já foi descrito. Seria absurdo contrapor, de maneira irreconciliável, como uma dicotomia intransponível, as humanidades e as ciências, como se tem feito não em poucas ocasiões e, em especial, na classificação dos estudos e das disciplinas. Não obstante, ante a esmagadora força do discurso técnico-científico e sua narrativa focada na ideia do progresso e evolução, emerge a necessidade de potencializar a perspectiva humanística em suas mais amplas e inclusivas acepções. Dessa forma, o humanístico serviria de contrapeso e controle. Isso pode se expressar como a relevância de uma “razão humanística” frente a uma “razão técnica”, sendo, em termos epistemológicos, “científicas” tanto as humanidades como as ciências. Entendida sua complementação intrínseca, ambas as razões se pressupõem e enriquecem. Em um mundo cada vez mais tecnológico e pseudocientífico, as humanidades cobram maior conveniência e urgência e sua voz não pode ser silenciada sem um empobrecimento significativo e, afinal de contas, pernicioso da compreensão de realidades e, em especial, do dever humano.

Assim, as Academias de língua e de letras, no âmbito ibero-americano, nestas décadas iniciais do século XXI têm que se repensar e, sem renunciar a tradição, mas sim potencializando

seu sentido profundo, mais que suas formas e aparências superficiais, devem se transformar para se adaptar aos novos tempos. Isso supõe um esforço nem sempre fácil de empreender, tendo em conta as dificuldades inerentes a um processo de renovação organizacional e os custos que isso implica. Sem intenções reducionistas, vários desafios são impostos às Academias ibero-americanas, entre eles, ressaltam-se:

1. RENOVAÇÃO DA TRADIÇÃO

A tradição pode se definir como o conjunto de significados provenientes de um passado remoto e recente que costura os recursos culturais de uma sociedade e os dota de sentido. É importante destacar que a tradição não são meros “dramas” ou representações que se põem em cena, mas sim significados⁴. A tradição implica, portanto, não só uma continuidade, mas uma constante renovação. De outra forma, os significados se fariam obsoletos e se fossilizariam; ao ocorrer tal suposição, ficariam como uma ruína e não como um complexo simbólico capaz de alimentar as ideologias e imaginários sociais.

2. ADEQUAÇÃO AOS NOVOS CONTEXTOS

Ainda que as Academias tenham uma origem plurissecular (*própria* por sua antiguidade ou *genérica* por sua assimilação e formato) devem adequar-se aos novos tempos. Essa adequação requer, entre outros aspectos, a flexibilização de suas estruturas internas e a incorporação, mediante

⁴ Resultam suscetíveis de ser ritualizados e inclusive representados, mas com uma estratégia didática e não como uma forma suficiente em si mesma.

apropriação, de inovadoras formas organizacionais, inclusive se supõe a renovação do protocolo. Isso se pode interpretar como uma debilidade, como um deixar de ser, mas na realidade não é em termos intransitivos, mas sim transitivos, ou seja, deixar de ser só o que se tem sido para se abrir a outras possibilidades e começar a ser, ao mesmo tempo, velhas e novas coisas.

3. MULTIANGULAÇÃO

As Academias não devem ser instituições planas, mas sim versáteis. As sociedades em que se inserem requerem esta “multiangulação”. Dito em outras palavras, as Academias devem ser, simultaneamente, instituições depositárias e renovadoras da tradição; legitimadoras do conhecimento, não por um falso critério de *auctoritas*, mas sim pela verdadeira autoridade moral que lhes conferem a tradição e a acumulação crítica do conhecimento, que permite o consenso frente a sua ocorrência e validade; divulgadoras do conhecimento e, ao mesmo tempo, promotoras do diálogo inclusivo. Em certo sentido, as Academias, sem perder sua especificidade disciplinar, devem se abrir a uma atitude transdisciplinar que lhes permita contextualizar e pôr em perspectiva o conhecimento e uma visão política, que não é partidária, das realidades circundantes, pois suas disciplinas, como nenhuma atividade humana, não se desenvolvem em um vazio de relações e sem interesses contrapostos. Nesta perspectiva, as Academias de língua e de letras na Ibero-América requerem uma posição panibérica, mas, além disso, transpanibérica no sentido da

dupla articulação da exclusão e discriminação já explicada: para reafirmar a presença ibérica no mundo e para empregar sua força e capacidade de impulso na preservação de línguas e culturas minoritárias, que no passado, isto não se pode silenciar, puderam ser objeto de olhares discriminatórios e atitudes excludentes e homogeneizadoras. Um aspecto de suma importância é a proximidade do espanhol e do português como línguas subgrupadas e a facilidade de entendimento com um mínimo de esforço entre os falantes de um e outro idioma, além dos recursos culturais compartilhados, a história comum, a vizinhança geográfica na Península Ibérica e na América do Sul, e a situação geopolítica compartilhada.

4. CONSTITUIÇÃO DE REDES

Em virtude dos traços contextuais descritos e, em particular, o crescimento de instituições e centros de pesquisa, as Academias devem se constituir em facilitadoras de redes acadêmicas e evitar o distanciamento social e epistemológico. Em virtude desse crescimento dos centros de pesquisa, as Academias estão chamadas a convocar com seu prestígio e estimular extensos marcos de colaboração e inclusive arbitrá-los. Resultaria muito importante a articulação das Academias de língua e letras do âmbito ibero-americano e sua crescente interação e colaboração.

5. APROVEITAMENTO DOS RECURSOS TECNOLÓGICOS

Devido às novas realidades tecnológicas, as Academias requerem um aproveitamento ótimo dos recursos técnicos

das mais avançadas tecnologias da comunicação e da informação, sem as quais dificilmente poderão cumprir seus fins e tarefas. Entre outras coisas, as reuniões virtuais e as publicações eletrônicas teriam uma ampla possibilidade de realização.

6. DIÁLOGO DE SABERES

Um aspecto de urgente necessidade é que as Academias se convertam, invocando a ideia da multiangulação e a superação da dupla articulação da discriminação e exclusão, em promotoras de um amplo diálogo, não só de epistemes (conhecimentos, saberes), mas também de afa-zeres e caráter social para procurar o entendimento e a convivência.

7. RELEVÂNCIA SOCIAL

Finalmente, como instituições chamadas a preservar e alimentar a tradição, as Academias devem reforçar sua relevância social, não somente mediante uma justificativa intra ou interinstitucional, mas sim como uma crescente presença, real ou virtual, nas sociedades em que se inserem. Exemplos disso serão as atividades docentes, de ampla divulgação, de acolhida de grupos e atores que anseiam a possibilidade de reconhecimento, seminários destinados a evitar usos que possam implicar redução de oportunidades (como os efeitos da diglossia), assessoria inclusive aos falantes de outros idiomas ou variedades linguísticas que desejam conseguir a normalização de suas línguas (como os idiomas indígenas, por exemplo) etc.

Conclusões

O mundo, no século XXI, está inserido em um tempo de aparência de bons augúrios com novas possibilidades e uma sofisticação tecnológica de grande alcance, mas também com tarefas pendentes, esquecimentos prematuros de autores e aspectos fundamentais da tradição que caíram em uma espécie de desuso ou omissão simbólica. Neste contexto, as Academias de língua e de letras estão chamadas a se repensar e a se refundar em um sentido, não sempre fácil de explicar, ao mesmo tempo renovador, mas também preservador de sua própria trajetória institucional e da história e os recursos culturais, em especial os relacionados com a linguagem e suas cocriações (entre elas, a literatura e outras expressões do pensamento e da criatividade). A renovação das instituições, inclusive das Academias, implica um uso crescente das possibilidades tecnológicas (sem excluir, claro, as reuniões virtuais ou o voto eletrônico), assim como uma adequação de suas estruturas acadêmico-administrativas, mas vai além. É importante uma avaliação de suas funções sociais, de seu poder moderador, tanto em aspectos do conhecimento nas disciplinas de suas especialidades, como nos diálogos epistêmicos e sociais. Talvez, as Academias, como outras instituições no mundo, enfrentem uma tarefa fácil de enunciar, mas cheia de obstáculos na sua realização. Trata-se de ganhar o afeto social, o sentimento de sua relevância e a *auctoritas* sem poses que requer para exercer um papel moderador.

Vida longa às Academias e, ao contrário de Darío, o grande *Rubén* de Nicaragua, talvez possamos dizer, vendo o que tem por vir, “*con nuestras Academias vamos, Señor*”.

Bibliografia

- BIORD CASTILLO, Horacio. 2014 a. Reflexiones sobre identidad nacional en tiempos de Globalización y Particularización. Hipótesis sobre el caso venezolano. *Anuario GRHIAL* (Grupo de Investigación sobre Historia de las ideas en América Latina). (Universidad de Los Andes, Mérida, estado Mérida) N.º 8: 189-222 (edición electrónica).
- BIORD CASTILLO, Horacio. 2014 b. Más allá del panhispanismo: El español y una geopolítica lingüística plurihispánica y transiberoamericana. En Francisco Javier Pérez (comp.): *300 años de la Real Academia Española. Homenaje de la Academia Venezolana de la Lengua*. Caracas: Academia Venezolana de la Lengua, pp. 197-227 (colección Homenajes, 2).
- BIORD CASTILLO, Horacio. 2015. Publicar en español: ¿provincialismo o estrategia? Reingeniería lingüística de la academia. *Letras* (revista del Centro de Investigaciones Lingüísticas y Literarias Andrés Bello. Instituto Pedagógico de Caracas. Universidad Pedagógica Experimental Libertador. Caracas). N.º 92: 16-29 (publicación electrónica, <http://revistas.upel.edu.ve/index.php/letras/article/view/5957>).

Encontro da Academia Brasileira de Letras com as Academias da América Latina

A missão das Academias no mundo de hoje

El 7 y el 8 de octubre se realizó el Primer Encuentro de la Academia Brasileña de Letras con las Academias de América Latina sobre el tema «La misión de las Academias en el mundo de hoy». La feliz iniciativa fue del presidente de la Academia Brasileña de Letras, académico Marco Lucchesi. Fue un encuentro admirable, que no tiene precedentes, un verdadero símbolo de fraternidad.

ALICIA MARÍA ZORRILLA

Presidenta da Academia Argentina de Letras



ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS